

CARLOS EDUARDO PIJAK JUNIOR

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
DIAGNÓSTICO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Monografia apresentada como requisito parcial para conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná. Turma "T" – Prof. Iverson Ladewig.

Orientadora: Prof. Mstnda. Rosemari Fackin

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia especialmente a meus pais que tornaram possível a realização deste sonho, a minhas irmãs e meu Vô Tonho que entendem e agüentam o meu jeito de ser, e também para a inesquecível Vó Nita, que infelizmente não está entre nós, mas que tenho certeza está sempre próximo a mim me cuidando.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que está em todos os momentos da minha vida, me auxiliando, me guiando nos caminhos mais corretos.

Agradeço mais uma vez aqui a meus pais e todos os familiares, que bem ou mal, construíram todo o suporte para que eu pudesse subir os degraus da minha evolução. Aqui agradeço a minha avó em especial, que com certeza mesmo não estando mais entre nós sempre está ao meu lado.

Agradeço de uma maneira generalizada a todas as pessoas com que eu convivi até aqui em minha vida (foram muitas); vocês tem grande parcela em minha formação.

Agradeço a família Bardini, o tio Marião, a tia Gina, a Pítchu, a Gininha, a Mela, a Bile, a Bruna, e os concunhados Eduardo, Walmir, Andrei que foram muito importantes na minha vida, e que hoje infelizmente não estamos mais tão próximos. Mas a distância nunca me fará os esquecer; podem ter certeza disso. Um agradecimento especial ao Guizo, meu eterno sobrinho e que me enche de alegria e esperança de vida, cada vez que o vejo.

Agradecimentos aqui não poderiam faltar aos colegas de futebol: Jairo Colgate, Aranha, Bruno, Bruninho, Juninho, Brito, Doutor Orelha, Italiano, Cosme, Vítor, Fragozo, Everson, Reis, Leôncio, Pedrão, Sândalo, Jack, Renato, Galvão, Duda, Moacir, o grande Érico, Mamo, Nahas, Gemada, Toninho, Zizu, Di, Zé Neto, Elvis, Gérson, Marquinhos, Peco, Jones, Ceará, Gaúcho, Bragança, Coca, PM, Giacomo, David, e tantos outros companheiros da bola e do DEF.

Um abraço especial ao grande companheiro Fernandinho e sorte a você no mestrado. Também um destaque especial ao vovô Charles grande figura que considero muito.

Uma grande ressalva ao meu irmão de fé que fiz na faculdade, o Denis, você merece tudo que a vida pode te dar. Você é fera.

Agradeço a todos os professores que participaram da minha formação, em especial ao mestre Ademir Piovezan que me ensinou que um homem pode ter grandes sonhos, e por mais difícil que eles sejam devemos lutar por eles, sendo humildes e persistentes. Só posso te dizer muito obrigado meu mestre!

Agradeço a minha orientadora Rosemari que sempre tinha uma palavra conselheira a me oferecer. Espero que seja o início de uma grande amizade.

Obrigado Sukytta por ter sido o marco de um grupo de amigos (somos os atuais campeões e isso ninguém tira)

E para finalizar, e esses são muito especiais para mim, meus irmãos: Bolacha (Adriano França), Piui (Cléver Setim), Doug (Marcel Valeriano), Baeté (Rodrigo Córrea). Saibam que vocês são figuras espetaculares que eu aprendi a gostar e respeitar durante esses 4 anos, cada um com suas particularidades: a truculência e a personalidade do Piui, a revolta e lealdade do Doug, o humor e o caráter do Bolacha, e a inocência e o companheirismo do Baeté. Tenham certeza que prezo das suas amizades e companhia para o resto de minha vida. E sorte para nós nos negócios.

Obrigado.....

EPÍGRAFE

Os humildes são como água encanada que, quanto mais desce, mais alto pode subir.

Cervantes

Corajoso é todo aquele que não teme nenhuma das dificuldades da vida e a todas procura vencer.

Tolstoi

Uma vez tomada uma resolução, vou retamente ao seu fito, derrubando tudo que se oponha a minha passagem

Richelieu

Quanto mais vivo, mais profundamente me convenço de que o que faz a diferença entre um homem e outro homem é a energia, uma determinação invencível, uma decisão tomada e mantida até a vitória final.

Buxton

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
EPÍGRAFE.....	iv
SUMÁRIO.....	v
LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE GRÁFICOS.....	viii
RESUMO.....	ix
1. INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 DELIMITAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO.....	1
1.2.1 Local.....	1
1.2.2 Universo.....	1
1.2.3 Amostra.....	2
1.2.4 Variáveis.....	2
1.2.5 Época.....	2
1.3 Justificativa.....	2
1.4 Objetivos.....	3
1.5 Hipóteses.....	3
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL.....	4
2.1.1 Histórico.....	4
2.2 OS OBJETIVOS E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA.....	6

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS.....	7
2.4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	13
2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO DISCIPLINA CURRICULAR.....	16
2.6 CONTEÚDOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	18
2.6.1 Esportes.....	18
2.6.2 Jogos.....	20
2.6.3 Atividades rítmicas/expressivas.....	21
2.6.4 Ginástica.....	22
2.7 O PLANEJAMENTO E A AVALIAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	23
3. METODOLOGIA.....	26
3.1 SUJEITOS.....	26
3.2 INSTRUMENTOS.....	26
3.3 PROCEDIMENTOS.....	26
3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA.....	27
4. RESULTADOS/DISCUSSÃO.....	28
5. CONCLUSÕES.....	47
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49
ANEXOS.....	52

LISTA DE TABELAS

TABELA 1	- QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA?.....	28
TABELA 2	- QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS COM SUA AULA NA ESCOLA?.....	30
TABELA 3	- O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO DAS SUAS AULAS (1ªOPÇÃO).....	32
TABELA 4	- O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO DAS SUAS AULAS?(2ª OPÇÃO).....	32
TABELA 5	- POR QUE VOCÊ JULGA TÃO IMPORTANTE ABORDAR TAIS CONTEÚDOS EM SUAS AULAS?.....	34
TABELA 6	- VOCÊ POSSUI TODOS OS MATERIAIS/RECURSOS NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTES?.....	35
TABELA 7	- SE NÃO POSSUI A QUE RECORRE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE?.....	36
TABELA 8	- PARA VOCÊ A FALTA DE MATERIAL INFLUENCIA NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS?.....	38
TABELA 9	- VOCÊ POSSUI UM PLANEJAMENTO PARA TODAS AS AULAS?.....	39
TABELA 10	- ESSE PLANEJAMENTO É FEITO:.....	40
TABELA 11	- PARA APREPARAÇÃO DAS AULAS VOCÊ UTILIZA ALGUM REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO?.....	41
TABELA 12	- QUAL A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA QUE VOCÊ ACREDITA E UTILIZA EM SUAS AULAS?.....	43
TABELA 13	- COMO VOCÊ DIRECIONA SUA AVALIAÇÃO? COMO PROCEDE?.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA?	29
GRÁFICO 2 - QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS COM SUA AULA NA ESCOLA?.....	30
GRÁFICO 3 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO EM SUAS AULAS? (1ª OPÇÃO).....	32
GRÁFICO 4 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO DAS SUAS AULAS?(2ª OPÇÃO).....	32
GRÁFICO 5 - POR QUE VOCÊ JULGA TÃO IMPORTANTE ABORDAR TAIS CONTEÚDOS EM SUAS AULAS?.....	34
GRÁFICO 6 - VOCÊ POSSUI TODOS OS MATERIAIS/RECURSOS NECESSÁRIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DESTES?.....	35
GRÁFICO 7 - SE NÃO POSSUI A QUE RECORRE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ATIVIDADE?.....	37
GRÁFICO 8 - PARA VOCÊ A FALTA DE MATERIAL INFLUENCIA NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS?.....	38
GRÁFICO 9 - VOCÊ POSSUI UM PLANEJAMENTO PARA TODAS AS AULAS?.....	39
GRÁFICO 10 - ESSE PLANEJAMENTO É FEITO:.....	40
GRÁFICO 11 - PARA APREPARAÇÃO DAS AULAS VOCÊ UTILIZA ALGUM REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO?.....	42
GRÁFICO 12 - QUAL A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA QUE VOCÊ ACREDITA E UTILIZA EM SUAS AULAS?.....	43
GRÁFICO 13 - COMO VOCÊ DIRECIONA SUA AVALIAÇÃO? COMO PROCEDE?.....	45

RESUMO

Pretendeu-se através deste trabalho, diagnosticar a realidade da atuação dos professores de Educação Física nas escolas, especificamente no ensino de 5ª a 8ª série. Para que isso fosse possível, e também com fins de observar como está a qualidade da aula de Educação Física na escola, e do seu docente, foi feita uma revisão bibliográfica e um questionário com os principais pontos envolvidos em uma ação pedagógica, afim de comparar e concluir algo palpável, que pudesse contribuir através desta pesquisa, na futura ação do professor no seu meio escolar. Podemos citar como itens que foram pesquisados os seguintes tópicos: importância da disciplina da Educação Física na escola, os conteúdos mais utilizados, planejamento escolar, avaliação e currículo entre outros. Além disso, para que a pesquisa pudesse ser concretizada foi utilizado um questionário com doze indagações com uma amostra de quinze professores da rede pública de ensino, que possuíssem idade igual ou superior a trinta anos. Foi constatada uma realidade um tanto quanto lamentável, à medida que algumas respostas foram sendo obtidas, o que nos leva a pensar na real função da Educação Física na escola, e de seu currículo no meio acadêmico. Será que ela ainda tem alguma função? Podemos perceber que a grande maioria dos professores ainda se restringe a trabalhar os “bols” (futebol, voleibol, e etc.), ou seja, os principais conteúdos utilizados ainda são os esportes. Não que eles não sejam importantes e passíveis de utilização, mas vemos a Educação Física na escola (na maioria da amostra desta pesquisa) como restrita aos esportes. Também foi possível diagnosticar que grande parte dos professores não tem suas ações planejadas, atuando com base em suas experiências na carreira (tanto como professor como também ex-atleta), e que também não apresentam uma capacitação e muito menos interesse em se atualizar. Isso pode ser constatado quando percebemos que a maioria da amostra não soube citar o referencial bibliográfico utilizado em aula, e aqueles que nem os utilizavam. O que já é de conhecimento geral, e que nesta pesquisa especificamos na disciplina de Educação Física, é a falta de condições ideais de trabalho para o professor na rede pública de ensino. A grande maioria dos entrevistados informaram não possuírem todos os materiais necessários para a realização de um trabalho ideal. Contra fatos não há argumentos. Um fato que chamou a atenção na pesquisa foi diagnosticar que existem professores que não se esforçam para fazer um bom trabalho ou encontram na falta de material à justificativa da incompetência. Mas em contrapartida, também encontramos professores que ainda tentam desenvolver uma aula de qualidade, mesmo contra todas as dificuldades. Finalmente vemos que a maioria dos profissionais atuantes na escola ainda utilizam a metodologia tecnicista, vendo a aula como uma oportunidade do aluno melhorar seu rendimento físico, motor, técnico, especificamente nos esportes. E também que os objetivos através da aula de Educação Física da maioria dos pesquisados foram à melhoria do condicionamento físico, e o ensino das técnicas e regras dos esportes.

Palavras chave: Educação Física Escolar, Prática pedagógica, Diagnóstico.

1 INTRODUÇÃO:

1.1 PROBLEMA:

A Educação Física escolar como sendo mais uma disciplina do currículo escolar deve ser justificada pelo professor de Educação Física de forma planejada, consciente e embasada teoricamente, que busque um sentido mais amplo para a educação não apenas do corpo, mas da formação do ser humano. Ultimamente vemos nossa profissão desvalorizada e desacreditada tanto pela população como também pelos próprios profissionais da área. No entanto não se conhecem as verdadeiras razões pela qual essa desvalorização do professor de educação física cresce cada vez mais, nem quais fatores e elementos obscuros da atuação desse profissional dentro da escola contribuem para este panorama. Para isto se faz necessário diagnosticar a atual realidade de nossa área, segundo a atuação dos professores nas escolas, descobrindo como vem sendo feita sua prática, os conteúdos trabalhados, e os objetivos para com estes, o planejamento das ações, e as referências utilizadas para esse plano, e outros fatores que se interligam com a prática nas aulas de Educação Física na escola.

1.2 DELIMITAÇÕES DA PESQUISA DE CAMPO:

1.2.1 Local:

Curitiba

1.2.2 Universo da pesquisa:

Escolas da rede pública de ensino (estaduais e municipais), mais especificamente nos estabelecimentos que possuam o ensino de 5ª a 8ª série.

1.2.3 Amostra:

Professores de Educação Física da rede pública de ensino de 5ª a 8ª série, com idade igual ou superior a 30 anos.

1.2.4 Variáveis:

A variável independente da pesquisa é a atuação dos professores nas aulas de Educação Física de 5ª a 8ª série.

A variável dependente é como está sendo ministrada especificamente a aula de Educação Física, levando em conta aspectos como currículo, conteúdos, avaliação, planejamento e objetivos específicos.

1.2.5 Época:

Agosto a outubro de 2003

1.3 JUSTIFICATIVA:

Este trabalho se justifica pelo fato de não haver evidências claras de como está o panorama da atuação do professor de Educação Física na escola, apenas suposições do atual momento que vive nossa área. Vemos que a Educação Física é muito desvalorizada, tanto pela sociedade, como também pela classe intelectual, “o que nos coloca diante de um momento histórico em que a Educação Física busca sua identidade e seu espaço dentro da escola” (CASTELLANI FILHO, 1993 p.133). Também como contribuição acadêmica na medida que estará revelando alguns pontos positivos e negativos da situação da Educação Física escolar atualmente na cidade de Curitiba, e um importante parâmetro para que possamos fazer diagnósticos mais corretos a respeito da prática docente.

1.4 OBJETIVOS:

- Refletir e diagnosticar sobre a prática pedagógica dos professores que estão atuando na rede estadual e municipal de ensino, de 5ª a 8ª série;
- Elucidar alguns pontos ainda não esclarecidos da atuação do professor de Educação Física na escola;
- Verificar qual a importância da Educação Física na escola segundo os professores da disciplina;
- Verificar quais os conteúdos que estão sendo enfatizados pelos professores nas aulas de Educação Física;
- Verificar se os professores possuem suas ações planejadas, e quanto tempo dedicam a esta tarefa, se utilizam referenciais bibliográficos na preparação das aulas e se as instituições de ensino possuem programas de ensino para a Educação Física;
- Diagnosticar quais são as formas de avaliação utilizadas pelos professores de Educação Física em suas aulas na escola;

1.5 HIPÓTESES:

Na pesquisa poderão ser constatados professores que na sua prática pedagógica possuem suas ações planejadas, seus conteúdos pré-definidos (e tenham conhecimento da importância da utilização destes), realizem avaliações dos alunos e de seu nível de aprendizagem, e vislumbrem objetivos específicos para o desenvolvimento destes. Entretanto outros pesquisados podem apresentar algumas falhas na sua atuação, em relação aos pontos citados acima, ou até mesmo na amostra possuírem indivíduos que não desenvolvam nenhum dos pontos apresentados, e apenas “figurem” como professor, sem nenhuma estratégia de ensino e aprofundamento teórico.

2. REVISÃO DE LITERATURA

O objetivo deste é captar e compreender alguns elementos presentes na atuação do professor de EF acerca do seu trabalho pedagógico quanto à relevância da EF na escola, aos conteúdos que ensina, à importância de ensiná-los e ao seu planejamento educacional. Frente a este objetivo, cabe esclarecer alguns pontos.

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

2.1.1 Histórico

Antes de iniciarmos qualquer discussão mais específica sobre a prática pedagógica e a Educação Física escolar, devemos discutir o processo histórico da Educação Física brasileira. Esta análise terá o objetivo de esclarecer como a Educação Física foi inserida no cenário nacional sua relação com a escola e influências das correntes pedagógicas, que figuraram historicamente, e até hoje permeiam a prática dos professores. Para isto iremos utilizar, brevemente, os principais momentos da Educação física ao longo do século XX. Primeiramente é necessário deixar claro que os fatos históricos da Educação Física brasileira contribuíram para a modificação, ao longo dos tempos, dos objetivos e propostas educacionais dentro da escola, como também na formação do profissional da área (DARIDO, 2001 p. 01). Também sobre isso AZEVEDO (1960) aponta:

“Admitido o princípio de que a sociedade como um todo organizado, cujas partes se acham ligadas de tal modo que as mudanças produzidas em uma das esferas da vida social repercutem sobre as outras. Pode-se adiantar que as atividades físicas, recreativas, ou de caráter educativo, se constituem em cada sociedade, orientam-se nesse ou naquele sentido, tomam tais ou quais formas e aspectos, ganham ou perdem prestígio conforme a estrutura do quadro sociocultural e na direção das mudanças que nele se operam” (p. 247)

A inclusão da educação Física dentro da escola no Brasil, aconteceu no século XIX, em 1851, com a aprovação da reforma governamental que incluía a prática de exercícios físicos nos estabelecimentos escolares. Três anos após a aprovação da reforma do primário e do secundário, em 1854, a ginástica passou a ser uma disciplina obrigatória no primário e a dança no secundário. Em reforma realizada, a seguir, por Rui Barbosa, em 1882, houve uma recomendação para que a ginástica fosse obrigatória para ambos os sexos e que fosse oferecida para as

Escolas Normais. Todavia, a implantação de fato destas leis ocorreu apenas em parte, no Rio de Janeiro e nas escolas militares. É apenas a partir da década de 1920 que vários estados da federação começam a realizar reformas educacionais e incluem a Educação Física, com o nome mais freqüente de ginástica (BETTI, 1991, p.16). Na década de 30 as principais funções da ginástica, como era chamada a Educação Física, era com os princípios higienistas. Com essa preocupação a Educação Física atuava como um meio de obtenção de saúde física, hábitos saudáveis, e os valores morais (DARIDO, 2001, p. 02). Pode-se notar que nesta época a Educação Física servia para a profilaxia de doenças, mas também para a limpeza e higienização da índole das pessoas através de princípios disciplinadores e autoritários. Ainda nesse momento com a necessidade de implantação da Educação Física na escola, surgem os primeiros princípios ginásticos, desenvolvidos pelo sueco P.H. Ling, pelo francês Amoros e pelo alemão Spiess. Eles apresentaram métodos que segundo eles desenvolveria o físico dos indivíduos durante o período escolar.

Os métodos ginásticos procuravam capacitar os indivíduos no sentido de contribuir com a indústria nascente e com a prosperidade da nação. No modelo militarista, os objetivos com a Educação Física nas escolas eram vinculados à formação de uma geração capaz de suportar o combate, a luta, para atuar na guerra, por isso era importante selecionar os indivíduos “perfeitos” fisicamente, excluir os incapacitados contribuindo para a maximização da força e do poderio da população (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 51). Nessas concepções, higienista e militarista, a Educação Física tinha um caráter predominantemente prático, não sendo considerado necessário aspectos teóricos fundamentando a prática. As influências atuais dos métodos higienistas assumem hoje um caráter mais preventivo, e em alguns casos como a obesidade e o sedentarismo, um caráter profilático (LINCZUK, 2003, p. 43). Na constituição de 1946 a inspiração é liberal-democrática face à influência dos educadores da Escola Nova. Este movimento que se faz presente nesta época, tinha por base o respeito à personalidade da criança, visando desenvolvê-la integralmente, caracterizando-se por uma escola democrática e utilitária cuja ênfase era o aprender fazendo (DARIDO, 2001, p. 02). Ainda sobre esse período da história, LINCZUK (2003, p. 48) alerta que mesmo nessa fase, tendo a Educação Física tomado uma concepção mais pedagógica, não

abandonou o sistema de uma prática comprometida com uma organização didática sobre parâmetros militares. Esse movimento teve seu esplendor no início da década de 60, mas é duramente reprimido. BETTI (1991, p. 21) quanto a isso ressalta que com a tomada do poder em 1964 pelos militares, houve uma ascensão do esporte, e a inclusão do binômio Educação Física/Esporte na política estrategista do governo, na tentativa de fazer com que este programa fosse um sustentáculo ideológico, na medida em que o país se destacasse em competições internacionais de alto nível. É nessa época que surge a idéia dos militares em fazer com que através dos esportes de competição de alto nível o Brasil conquistasse resultados expressivos e fosse visto como uma potência, deixando de lado e desviando a atenção do povo aos problemas internos estruturais existentes naquela época. O slogan dessa época feito pelo governo era “Esporte é saúde”. A respeito disso COLETIVO DE AUTORES (1992, p. 54) coloca o esporte, não como sendo o desporto escolar, da escola, mas sim como sendo na escola devido sua maciça inclusão nos meios educacionais. O esporte é o principal objetivo, e conseqüentemente o principal conteúdo da escola na época; o professor passa a ser um treinador. Para finalizar esse breve histórico da Educação física no Brasil vamos explicitar o último momento mais importante. “Depois dessa fase esportivista, e com o aumento dos conhecimentos teóricos da área, o surgimento do mestrado, a vocação da Educação Física para ser uma área de estudo da motricidade humana” (DARIDO, 2001, p. 03), esta começa a se preocupar menos com a valorização exacerbada do desempenho físico-esportivo, e começa a preocupar-se com a formação do aluno, desenvolvimento das habilidades motoras, qualidade de vida, ensino dos esportes e suas técnicas, aspectos culturais aliados ao movimento; isto pelo menos no discurso...

2.2 OS OBJETIVOS E A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

Enquanto educadores e formadores do ser humano o professor de Educação Física deve traçar seus objetivos claramente, afim de que consiga os resultados esperados. Esses objetivos devem estar limitados pelas possibilidades de cada faixa etária, pelo desenvolvimento motor, e também de acordo com as condições físicas em que essas aulas serão ministradas.

Entre os objetivos gerais, para TANI ET ALL (1988) a tarefa primordial da Educação Física é a estimulação do desenvolvimento de capacidades perceptivo motoras, de capacidades físicas, através de experiências motoras oferecidas em ambiente propício e organizado, conforme as características de crescimento e desenvolvimento dos alunos.

Segundo as diretrizes curriculares, dos PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, publicadas em 1998, é de objetivo e tarefa da área da Educação Física: "... prática pedagógica capaz de promover o desenvolvimento da consciência corporal e de competências para a realização voluntária e consciente de suas práticas, propiciando a compreensão e explicitação da realidade, bem como a atuação do aluno como sujeito ativo, responsável pela construção e transformação dessa realidade social" (PCN'S, 1998, p.30).

Podemos encontrar no trabalho de CARVALHO (2001, p. 16) uma discussão dessas diretrizes, que retrata a importância da Educação Física abordar elementos da cultura corporal, entendê-los como uma gama de conhecimentos, construídos nas relações sociais; elementos estes como a ginástica, os esportes, os jogos, a dança, e as lutas. Compete a Educação Física juntamente com as demais áreas do conhecimento, a função de propiciar aos alunos, a análise crítica da relação entre sua prática e as questões sociais, os temas transversais como: violência, consumismo, competitividade, sexualidade, "tendo por intenção promover a formação de conceitos mais amplos, tais como a corporalidade, cultura corporal, sociedade, trabalho, poder, lazer, entre outros" (CARVALHO, 2001, p. 16-17).

É interessante analisar que como professores de Educação Física temos que cumprir nosso papel dentro da escola, e deixarmos alguma legado a nossos alunos, que sejam úteis a sua vida cotidiana.

2.3 EDUCAÇÃO FÍSICA E AS CONCEPÇÕES EDUCACIONAIS

Dentro da prática pedagógica dos professores de Educação Física na escola existem diferentes concepções de ensino entre os profissionais, diferentes maneiras de se pensar a Educação Física na escola. Estas diferenças enriquecem nossa área, como também cria discussões profundas acerca de qual é a melhor

metodologia, qual a melhor concepção, qual destas utilizadas é a mais adequada e a que mais beneficiara o aluno dentro da escola durante as aulas.

Como nessa pesquisa um dos objetivos é conhecer é diagnosticar as tendências educacionais utilizadas pelos professores durante sua atuação na escola, cabe aqui citar algumas delas.

Vários autores abordam esse assunto, e para tanto possuem diversas terminologias para as concepções de ensino de Educação Física. Para DARIDO (2001, p. 04) as concepções dividem-se em:

- abordagem tecnicista;
- abordagem desenvolvimentista;
- abordagem construtiva-interacionista;
- abordagem crítico-superadora;
- abordagem sistêmica;
- abordagem da psicomotricidade;
- abordagem crítico-emancipatória;
- abordagem cultural;
- abordagem dos jogos cooperativos;
- abordagem da saúde renovada;
- abordagem dos parâmetros curriculares nacionais.

Iremos utilizar essa divisão de DARIDO (2001) para nortear esse ponto da revisão de literatura, e fazer uma breve discussão das diferentes abordagens metodológicas.

A abordagem tecnicista se caracteriza pelo ensino das técnicas dos movimentos, tendo a preocupação em desenvolver nos alunos seu aprendizado, e a execução técnica perfeita dos movimentos. Segundo LIBÂNEO (1992, p.29-30) o tecnicismo na escola funciona como uma modeladora do comportamento humano. Ainda: "... o interesse imediato é através das técnicas produzir indivíduos competentes, através de informações precisas, claras e objetivas" (LIBÂNEO, 1992, p. 32).

O tecnicismo teve seu grande auge no período militar em que a preocupação era de se disciplinar todos os cidadãos para acatar o regime. No momento da aula

de Educação Física além do tecnicismo colaborar na execução de gestos técnicos perfeitos e disciplinadores, contribui também com outro carro chefe daquele governo, que era de revelar atletas de ponta capazes de representar o país em competições internacionais; e a aula de Educação Física na escola era o primeiro passo.

Para LIBÂNEO (1992, p.32) os conteúdos propostos devem ser objetivos, e seguir pressupostos científicos, eliminando assim qualquer sinal de subjetividade, e os métodos de utilização destes são "... procedimentos técnicos que assegurem o controle das condições ambientais, e transmissão-recepção das informações" (LIBÂNEO, 1992, p.33). Complementando as informações da metodologia tecnicista LIBÂNEO (1992, p. 33) a relação professor aluno acontece com a responsabilidade total do professor transmitir o conhecimento, conforme um sistema eficiente, e o aluno apenas recebe as informações, as fixa, e aprende. Teoricamente não há troca de conhecimentos na relação professor aluno dentro da abordagem tecnicista.

A abordagem desenvolvimentista começou a ser divulgada principalmente com os trabalhos de Tani (1987), Tani et all (1988), Manoel (1994). Hoje seus maiores estudiosos são os professores Go Tani e Edson Jesus Manoel, da USP, e Ruy Jornada Krebs, da UFSM.

A abordagem desenvolvimentista limita-se a oferecer fundamentos para a Educação Física das primeiras quatro séries iniciais do primeiro grau (CARVALHO, 2001, p. 06). Adicionado a isto BRACHT (1999, p. 34) cita: "Oferecer a criança oportunidades de experiências de movimento de modo a garantir o seu desenvolvimento normal, portanto, de modo a atender essa criança em suas necessidades de movimento".

Segundo TANI ET ALL (1988, p. 02) a proposta desenvolvida por eles é uma possibilidade entre várias possíveis, que é direcionada especificamente para crianças de quatro a quatorze anos e busca nos processos de aprendizagem e desenvolvimento uma fundamentação teórica para a Educação Física escolar. Prossequindo, para eles é uma tentativa de caracterizar e padronizar a progressão normal do desenvolvimento fisiológico, motor, cognitivo e afetivo social, crescimento físico, na aprendizagem motora, e utilizando estes aspectos e elementos relevantes para estruturação de uma aula de Educação Física na escola.

Além do que foi citado acima, DARIDO (2001, p. 05) relata que a abordagem desenvolvimentista não busca na Educação Física escolar a busca da solução dos problemas sociais do país (como será visto mais adiante em outras abordagens), mas sim proporcionar durante a aula a aprendizagem dos movimentos, embora possam estar ocorrendo subjetivamente o aprendizado de outras habilidades em decorrência da prática do ato motor.

Dentro dessa proposta habilidade motora é um dos conceitos mais importantes, por ser através dela que os indivíduos se adaptam aos estímulos e situações do cotidiano, resolvendo problemas motores. Sobre isso, DARIDO (2001, p. 04) cita que como as habilidades mudam ao longo da vida do indivíduo, desde a concepção até a morte, constituíram-se numa importante área de conhecimento da Educação Física, as áreas de Desenvolvimento Motor e Aprendizagem motora.

Nessa linha desenvolvimentista, os conteúdos propostos para as aulas de Educação Física segundo DARIDO (2001, p. 05) baseada nos trabalhos de Gallahue (1982) e ampliado por Manoel (1994), têm uma seqüência ao longo do desenvolvimento motor dos alunos, obedecendo a seguinte ordem: fase dos movimentos fetais, fase dos movimentos espontâneos e reflexos, fase de movimentos rudimentares, fase dos movimentos fundamentais, fase de combinação dos movimentos fundamentais e movimentos culturalmente determinados.

Esses conteúdos devem seguir a ordem do mais simples para o mais complexos. Sendo que as habilidades básicas podem ser classificadas em locomotoras (andar, correr), manipulativas (receber, chutar) e estabilizadoras (girar, flexionar). Os movimentos específicos são aqueles influenciados culturalmente, como jogos e esportes (DARIDO, 2001, p. 06).

Na abordagem desenvolvimentista a intenção é adequar as atividades da aula de Educação Física as possíveis respostas motoras de cada faixa etária. Essa abordagem tem grande aceitação e utilização na Educação Infantil.

A abordagem construtiva-interacionista vem ganhando espaço, principalmente em São Paulo, nas propostas de Educação Física da Coordenadoria de estudos e Normas Pedagógicas (CENP), e tem como seu principal colaborador o professor João Batista Freire.

Segundo DARIDO (2001 p. 07) essa proposta veio como mais uma opção metodológica em oposição às linhas anteriores que preconizavam uma Educação

Física mecanicista, com objetivos de rendimento esportivo, e seleção dos mais habilidosos.

Segundo FREIRE (1996, p. 30) essa abordagem teve seu desenvolvimento embasado nos trabalhos de Jean Piaget, e o foco é a aprendizagem e obtenção dos saberes necessários pelo indivíduo com total interação com o mundo, que supera o simples fato de se aprender através do ensinar; e este processo é infinito num constante processo de reorganização do conhecimento.

Para DARIDO (2001, p. 08) nesse contexto citado acima essa abordagem educativa, se preocupa especialmente com os conhecimentos lógicos-matemáticos, prepara a Educação Física, não como fim, mas como um meio para o desenvolvimento cognitivo. Ainda sobre isso a autora alerta para uma indefinição que esta abordagem apresenta: “qual o conhecimento que se deseja construir através da prática escolar”.

Essa pergunta é válida, mas também devemos ressaltar que essa proposta foi a pioneira em considerar no processo educativo, durante as aulas de Educação Física, os conhecimentos que o aluno possuía fora da escola, como os jogos, brincadeiras de rua e rodas cantadas (FREIRE, 1989, p. 39)

A abordagem crítico superadora tem como seus colaboradores e principais estudiosos os professores Valter Bracht, Lino Castellani, Cristina Taffarel, Carmen Lucia Soares. Essa abordagem é muito difundida e bastante utilizada nas aulas de Educação Física. Toda essa difusão se deu principalmente com a publicação do livro Metodologia do Ensino da Educação Física, onde o coletivo de autores escreveram sobre essa preferência metodológica.

Essa abordagem tem como base de ensino as questões filosófico-políticas, e objetivos, através das aulas de Educação Física, de uma transformação social. Esta transformação segundo a abordagem crítico superadora apresentada no COLETIVO DE AUTORES (1992) ocorre no dia a dia das aulas com ênfase na cultura corporal e visão histórica dos conteúdos da Educação Física, compreendendo-os e refletindo criticamente.

Ainda segundo o COLETIVO DE AUTORES (1992) essa metodologia baseia-se na capacidade do aluno de perceber a habilidade nos seus vários parâmetros, no momento em que a prática é apresentada, como pode ser constatado na seguinte citação: “... a aula nesse sentido aproxima o aluno da

percepção da totalidade das suas atividades, uma vez que lhe permite articular uma ação [o que faz], com o pensamento sobre ela [o que penso], e com o sentido que ela tem [o que sente]” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 87). Com a utilização dessa metodologia pode-se obter uma maior dinâmica de aula, sendo esta dirigida pelo próprio aluno. O professor pode assumir apenas um papel de facilitador, um mediador, “... apresentando as regras e princípios que regem a prática, e os alunos devem entendê-los, para que na seqüência, seja passível à reflexão, que norteará o trabalho” (LIBÂNEO, 1992, p. 41).

A abordagem sistêmica tem no Brasil como seu principal estudioso Mauro Betti, que em seu livro *Educação Física e Sociedade*, começou o esboço desta abordagem.

O referencial teórico de desenvolvimento desta abordagem é a sociologia e filosofia, com os trabalhos de Bertalanffy, e Koestler. Os conteúdos são a vivência dos mais diferentes jogos, esportes, dança, e ginástica.

Em seu livro *Educação Física e Sociedade*, BETTI (1991) entende como função da Educação Física:

“Para a abordagem sistêmica existe a preocupação de garantir a especificidade, na medida em que considera o binômio corpo/movimento como meio e fim da Educação Física escolar. (...) O alcance da especificidade se dá através da finalidade da Educação Física na escola, que é introduzir o aluno ao mundo da cultura física, formando o cidadão que vai usufruir, partilhar, produzir, reproduzir, e transformar as formas culturais da atividade física [o jogo, o esporte e a dança]” (p. 147).

A abordagem da psicomotricidade teve seu desenvolvimento com os trabalhos de Jean Le Bouch, e teve como principal obra o livro *Educação pelo movimento* (1986). Os principais referenciais teóricos que embasaram essa abordagem foram os trabalhos de Wallon, Piaget, Luria, e Ajourriaguerra.

Essa abordagem não vê a Educação Física como um local de desenvolvimento esportivo ou de rendimento técnico, e sim com a finalidade de reeducação psicomotora. Os principais conteúdos são a consciência corporal, lateralidade e coordenação, através de exercícios sistematizados. (DARIDO, 2001, p. 21).

A abordagem da saúde renovada começou com os trabalhos de Nahas (1997) e Guedes & Guedes (1996) que vislumbraram nas aulas de Educação Física

mais um local para a conscientização da importância da atividade física. Utilizaram conhecimentos da fisiologia para desenvolver essa abordagem, pensando em aspectos como faixa de treinamento, intensidade das aulas, e estímulos motores suficientes para a melhoria do condicionamento, são alguns dos pontos mais importantes dessa abordagem. Preconiza-se principalmente a aquisição de hábitos saudáveis, com a mudança do estilo de vida.

Segundo DARIDO (2001, p.19) a adoção dessas estratégias de ensino contemplam não apenas os aspectos práticos, mas também a abordagem de conceitos e princípios teóricos (nessa abordagem está proposta aulas em sala a respeito de doenças da era moderna, e fisiologia humana básica) que proporcionem subsídios aos escolares, no sentido de tomarem decisões quanto à adoção de hábitos saudáveis ao longo de toda a vida.

Essa abordagem segundo NUNES (1996, p.13) teve seu desenvolvimento principalmente pela falta de eficácia dos programas de Educação Física na escola, na promoção de atividades que trouxessem benefícios saudáveis, nem a aquisição de vida fisicamente ativa.

A abordagem dos PCN's é o referencial teórico que o ministério da educação desenvolveu para auxiliar na elaboração da proposta pedagógica das escolas públicas do Brasil inteiro. Os PCN's atuais que foram publicados em 1998, tem como autores os professores Marcelo Jabu e Caio Costa.

A proposta dos PCN's é "... introduzir todos os alunos, sem qualquer discriminação, na esfera da cultura corporal do movimento" (PCN, 1998, p. 29).

Os conteúdos propostos pelos PCN's estão basicamente divididos em: esportes, ginástica, atividades rítmicas, jogos e lutas e que serão melhor aprofundados no capítulo dos conteúdos da Educação Física.

Após fazermos essa breve discussão dessas abordagens metodológicas, o que realmente devemos nos preocupar é com nossa postura profissional em relação ao comprometimento com o trabalho, o seu desenvolvimento com a maior dedicação possível, e principalmente trabalharmos com responsabilidade na formação dos nossos alunos, pois afinal não somos apenas educadores físicos, mas também contribuintes na formação da personalidade das pessoas.

2.4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E SUA PRÁTICA PEDAGÓGICA

A prática pedagógica não deve ser entendida apenas como o momento em que aula se dá. "Ainda que a idéia comum que se tenha da prática seja a de um espaço que obedeça a certas normas e modelos que visam estabelecer o que, de forma geral, ocorre ou deveria ocorrer em aula" (PERRENOUD, 1997, p. 31). A prática pedagógica inicia-se bem antes do momento propriamente dito da aula e não termina com o fim desta, mas vai além, no que poderíamos chamar de um "... processo contínuo que se complementa cotidianamente, mas não se completa, pois não é finito e sim passível de reconstrução e reelaboração" (BRACHT, 1997, p. 83). Assim, as atividades relativas ao planejamento, à preparação das aulas, à escolha dos materiais, à avaliação da aula, dos alunos e sua própria auto-avaliação são alguns elementos que permeiam o trabalho pedagógico do professor, assim como a metodologia adotada, o conteúdo a ser ensinado, a especificidade de um componente curricular, elementos que não são unívocos e estáticos e que, por isso, apresentam-se de formas diferentes (tanto quanto ao local como em relação ao tempo) no próprio trabalho pedagógico, bem como na representação que se tem deste. Desta forma, a prática pedagógica exige um processo de constante reflexão por parte do professor. Este processo que se dá antes e depois do momento da aula é fundamental para que as relações que se estabelecem em aula possam ser melhor compreendidas e desenvolvidas. Em sua atividade, o professor se envolve numa intensa e complexa rede relacional em que tem de tomar (num certo espaço de tempo) várias micro-decisões. "É preciso ter claro que, no processo ensino-aprendizagem, vários fatores estão atuando, tais como a característica da atividade, a disposição do espírito, o estado de cansaço ou tensão sentidos pelos alunos e pelo professor" (PERRENOUD, 1997, p. 35). Esse autor aponta que: "Seja qual for a variação de uma aula para outra, a prática pedagógica é constituída em classes muito ordenadas e controladas, por uma sucessão de *micro-decisões* das mais variadas naturezas" (PERRENOUD, 1997, p.37). Compreender como o professor se relaciona com estes elementos, procurando observar como opera e que importância atribui aos mesmos pode ser uma forma importante e interessante para melhor visualizar como vem se dando a prática pedagógica dos professores. Fazendo uma

análise da prática pedagógica dos professores, BORGES (1998, p. 64) aponta três divisões que envolvem essa realidade:

- Rotina e improvisação regulada: que dizem respeito, de um lado, à reprodução das práticas docentes – os professores conscientemente tendem a reproduzir comportamentos e ações que são conjunto dos demais professores – e de outro à expressão do *habitus*, no sentido que Bourdieu atribui ao termo, em que esquemas de ação e percepção, que não estão sob controle da consciência do professor e cuja origem se perde no tempo, confundem-se com a tradição coletiva das práticas docentes;
- A transposição didática: que se refere às transformações que recebem os saberes, a fim de que possam tornar ensináveis;
- O tratamento das diferenças; que está relacionado às diferenças individuais dos alunos quanto a níveis de conhecimento, projetos pessoais e diferentes personalidades.

Além disso, captar elementos do imaginário do professor de Educação Física não significa adotar uma postura psicologista, mas reconhecer que este imaginário é construído no processo social e é carregado de conteúdos e sentidos ideológicos (PERRENOUD, 1997, p. 95). Portanto, o discurso individual de cada professor manifesta o universo subjetivo que ele constrói a partir das suas vivências objetivas/sociais. Essa carga subjetiva também redimensiona e reconstrói, em certa medida, esta mesma realidade. Desta forma, para um estudo que pretende refletir e diagnosticar sobre a atual prática pedagógica do professor de Educação Física, “... torna-se relevante apreender e compreender a representação que este professor tem acerca de seu trabalho, pois esta representação é constituída e constituidora da realidade social na qual ele se insere, e seus atos perante aos alunos refletem suas crenças e métodos de ensino” (BORGES, 1998, p. 65). Outro aspecto a ser considerado quando se tenta caracterizar a prática pedagógica dos professores através da *do que este faz cotidianamente*, e com certeza isso irá transparecer neste estudo, segundo Borges (1998) é uma tarefa que necessita levar em consideração que “o discurso do professor pode revelar e, ao mesmo tempo, ocultar vários

aspectos da realidade, pode estar abaixo das experiências inovadoras que ele diz construir no seu trabalho ou expressar muito mais o que ele gostaria que fosse a sua prática pedagógica” (p. 65-66).

2.5 A EDUCAÇÃO FÍSICA ENQUANTO DISCIPLINA CURRICULAR

Antes devemos conceituar currículo, para que quando formos relacionar a disciplina curricular de Educação Física estejamos conscientes de sua definição. Cita TROJAN (1998) que “... para situar o currículo no contexto da escolarização, é necessário precisar seu significado, determinar suas funções e identificar seus elementos principais, pois o significado e a extensão do termo variam muito conforme autores e orientações teóricas” (p.22).

Para SAVIANI (1991, p. 26), o currículo é o conjunto de atividades nucleares distribuídas no espaço e no tempo da escola para cuja existência, não basta apenas o saber sistematizado. É fundamental que se criem condições de sua transmissão e assimilação. Significa dosar e sequenciar esse saber de modo que o aluno passe a dominá-lo. Para o autor, “... o saber escolar é o saber dosado e seqüenciado para efeito de sua transmissão-assimilação no espaço escolar ao longo do determinado tempo” (SAVIANI, 1991, p. 26)

Nesse sentido o currículo deve ser desenvolvido e pensado de acordo com inúmeros fatores. Enquanto disciplina curricular a Educação física deve atender algumas exigências. Uma delas é possuir um planejamento de conteúdos, sendo a atuação do professor orientada por este planejamento, vislumbrando objetivos pré-estabelecidos e que busquem o aprendizado do aluno dentro daquilo que foi proposto.

Dentro desse contexto, mesmo sendo de conhecimento geral que alguns estabelecimentos só visam promover o gesto técnico e o desenvolvimento apenas em relação ao esporte, as propostas curriculares de uma forma geral sofreram modificações históricas, que ocorreram e foram influenciadas pelos diferentes momentos.

Traçando uma análise das mudanças, os PCN's (1998, p. 21), demonstram que até a década de 50, a Educação física foi influenciada por uma linha positivista,

da área médica, e de interesses militares, e acompanhou as mudanças que também ocorreram no pensamento pedagógico.

Em um segundo momento as mudanças curriculares na Educação Física foram influenciadas pelo decreto de 1971, em que era de interesse governamental a melhora da aptidão física da população, e também o aumento do número de atletas capazes de representar o Brasil, e indiretamente elevar a moral do governo ditatorial que estava instaurado no Brasil. Para isso as aulas de Educação Física passaram a se tornar mini centros de treinamento, em que o principal objetivo era que os alunos adquirissem hábitos saudáveis, e que dentre vários houvesse a possibilidade da descoberta de algum atleta de ponta.

Já na década de 80, mais uma modificação curricular ocorreu. Nesse momento o foco era voltado para as séries iniciais e ao desenvolvimento psicomotor dos alunos.

Na atualidade, continua os PCN's (1998), "... antes de verificar os conteúdos se faz necessário elencar alguns critérios para a seleção dos mesmos. Tais como: a relevância social, a característica dos alunos, e a especificidade do conhecimento da área" (p. 67).

Segundo o CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ (2002, p. 187), a partir das relações sociais tem-se três maneiras do corpo se expressar em movimento: a dança, os jogos, e a ginástica. Em um segundo momento cita os esportes, que segundo o CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ (2002), "... é uma forma cultural do movimento humano e deverá ser tematizado pela Educação Física de uma maneira que promova o conhecimento das origens, modelo de sociedade que o produziu, e como foi a sua incorporação na sociedade brasileira" (p. 188).

Em seguida iremos discutir os conteúdos que fazem parte do currículo utilizando a seguinte divisão: esportes, jogos, ginástica, atividades rítmicas/expressivas, e lutas.

2.6 CONTEÚDOS DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Sabe-se que os conteúdos são instrumentos utilizados para se chegar aos objetivos presentes em um planejamento, seja ele, bimestral, trimestral, semestral ou

anual. Deve-se ter em mente que "... objetivos de um plano de trabalho não são aquilo que se vai dar ao aluno como atividade, mas sim o que se espera dele como resultado da aprendizagem". (BRACHT, 1997, p.06).

É interessante discutir a respeito dos conteúdos das aulas de Educação Física na escola, pois estes podem revelar a qualidade de uma aula, a metodologia do professor que está sendo utilizada, os conteúdos mais utilizados e outros pontos.

Estes conteúdos são interpretações recortadas de realidades indissociáveis da contemporaneidade dos indivíduos, com profunda ligação com seu significado histórico e social.

Na dinâmica da Educação Física, sobretudo no ciclo de iniciação à sistematização do conhecimento, o conteúdo que melhor satisfaz a maioria das pretensões desta disciplina é o esporte, que será contextualizado mais à frente.

Para que possamos estar discutindo mais especificamente os conteúdos que podem vir a ser utilizados nas intervenções pedagógicas na escola nas aulas de Educação Física, iremos dividi-los da seguinte forma:

- Esportes
- Jogos
- Atividades Rítmicas
- Ginásticas
- Lutas

2.6.1 Esportes

O esporte segundo GEBARA (1992, pág. 21), foi introduzido no Brasil, no início do século XX, vindo através das indústrias, ACM's, escolas superiores e grupos de imigrantes, e que se juntaram ao universo conceitual definido pelo termo "Educação Física".

O fenômeno atual representativo que é o esporte está difundido por vários meios de comunicação, e dá-se a ele caráter de espetáculo, e sua difusão para os meios escolares, durante as aulas de educação física, se torna inevitável. O que torna confusa a utilização do esporte escolar, pois qual seria a mais correta concepção de utilização deste nas aulas? O esporte de competição? Ou o esporte

que promove hábitos saudáveis, aprendizado motor, interação social? Sobre essa divisão diz TUBINO (1992), "... pode-se dividi-lo em dois paradigmas distintos: o primeiro paradigma, com a perspectiva do esporte apenas pelo rendimento; e o segundo, quando o esporte, a partir da aceitação da prática esportiva como um direito de todos, somou sua perspectiva de rendimento às perspectivas de participação e formações" (p.131).

Dentro desse contexto, é de função primordial da escola promover e incentivar a prática dos esportes com função de participação e integração do grupo, favorecendo o espírito de grupo e a consciência do benefício sócio-educativo.

Durante a prática pedagógica dos professores de Educação Física na escola o conteúdo mais utilizado são os esportes, quando não são os únicos. Essa afirmação pode ser embasada nos trabalhos de SOARES, TAFFAREL e ESCOBAR (1992), onde estes afirmam "... o esporte como conteúdo da Educação Física escolar, foi estimulado pelo aprimoramento de um novo modelo de sistematização do conteúdo desta, que seria a Educação Física desportiva generalizada, que foi disseminada primeiramente na França" (p.216).

Para que nós não limitemos ao esporte apenas um caráter desportivo limitado ao aprendizado do gesto técnico, sem uma maior função de formação e participação dos alunos, e tendo um caráter mais significativo, SOARES, TAFFAREL, e ESCOBAR (1992), afirmam que "... para ensiná-lo não podemos abrir mão quer seja das ciências físicas e biológicas, das ciências sociais ou da cultura. Isto porque, ensinar um esporte enquanto conteúdo escolar, implica considerar seus fundamentos básicos, até ao jogar, passando pelo aspecto histórico, e a sua significação cultural enquanto fenômeno de massas" (p. 217).

Em uma conceituação mais ampla do esporte, direcionado ao meio educativo, amparado hoje pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, TUBINO (1992), cita que "... a tendência do desenvolvimento no campo do esporte, segundo Herbert Haag, passa pelo campo denominado 'filosofia do esporte', o qual fará parte da 'ciência do esporte', que abrangerá os seguintes campos básicos: a metateoria, a antropologia (vista na relação corpo alma-espírito), a teoria do brinquedo, a performance humana e a ética" (p.131).

Muitas vezes confundimos o esporte com o jogo. Para isso no próximo tópico iremos esclarecer alguns pontos e diferenças que existe entre o esporte e o jogo, seja ele competitivo ou lúdico.

2.6.2 Jogos

O jogo que vamos analisar neste momento estará desvinculado da competição, mesmo sabendo que muitas vezes durante a prática pedagógica os professores utilizem na maioria das vezes o elemento competitivo buscando a motivação dos alunos durante as aulas. Mas nem sempre devemos ter um vencedor, isto não é um fator primordial no processo educativo.

Segundo BRUHNS (1996) alguns pontos devem ser considerados para a caracterização do jogo: "... que ele seja desinteressado, que se tenha prazer ao praticar, que seja desorganizado, espontâneo e que sirva para a liberação de conflitos" (p. 29). Cabe ressaltar e explicar alguns desses conceitos. A expressão *desorganizado* se refere que o jogo não é provido de grande organização no sentido de possuir federações, normas, regras rígidas, como é o caso do esporte. *Desinteressado* no momento em que o indivíduo que está jogando, o faz sem qualquer interesse maior com relação a vitória, premiação ou recompensa financeira. Estas são algumas diferenças básicas entre o esporte e o jogo, mas que os diferem profundamente.

O jogo muitas vezes pode ser visto como uma atividade sem fundamentação, e sem maiores objetivos por parte de quem os aplica, no nosso caso o professor de Educação Física na escola. Sobre isso explana BARBANTI (1989):

"Se compreendemos a importância da brincadeira e do jogo concordaremos que ela é não só uma atividade agradável, mas uma ocupação séria e significativa. Devemos oferecer brinquedos e jogos, encorajando e ajudando as crianças a usá-los, e tomando providências para que brinquem com outras crianças. As brincadeiras mudam à medida que as crianças crescem e problemas diversos começam a ocupar suas mentes" (p. 35)

Como citado acima, os jogos e brincadeiras começam a mudar com o crescimento das crianças, mas eles não desaparecem apenas mudam suas concepções, as formas de jogar, segundo os novos interesses que os indivíduos

obtêm com o aumento de sua maturidade intelectual. Segundo SOARES, TAFFAREL e ESCOBAR (1992) sobre a utilização dos jogos em idades superiores, afirmam "... é importante que os alunos do ensino médio, confrontem o fantástico acervo de jogos que eles conhecem, com aqueles que eles não conhecem e assim aumentem seu acervo sócio-motor" (p. 219).

A seguir iremos analisar as atividades rítmicas/expressivas, que muitas vezes são deixadas à margem da Educação Física na escola por preconceito dos professores e alunos perante o assunto.

2.6.3 Atividades Rítmicas/Expressivas

Este conteúdo é fruto de muita discussão dentro da Educação Física escolar. Muitos professores, na sua maioria homens, são preconceituosos em relação ao conteúdo devido a padrões culturais impostos pela sociedade. Padrões estes que não só afetam os professores, mas que também provocam aversão por parte dos alunos a este tipo de conhecimento, e participação ativa em aula.

É comum colégios, onde as turmas de Educação Física são divididas por sexo, trabalharem com atividades rítmicas apenas com as meninas.

No CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ (2002) "... propõe a expressão corporal como a linguagem do corpo, através do qual o ser humano transmite toda a sua maneira de ser; expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos" (p. 183). O programa do Estado não diferencia o conteúdo por sexo, e prevê total aplicabilidade dentro da aula de Educação Física.

Adicionando-se a isso os PCN's (1998), dizem que "... este bloco de conteúdos inclui manifestações da cultura corporal que têm como característica comum a intenções explícitas de expressão e comunicação por meio de gestos na presença de ritmos, sons e da música na construção da expressão corporal" (p.71).

Com a referência desses dois documentos podemos vislumbrar a presença das atividades rítmicas nas aulas de Educação Física, e com um maior conhecimento por parte dos professores, em relação ao assunto desenvolver formas de sua aplicação e aceitação perante aos alunos.

2.6.4 Ginástica

A ginástica, como forma de trabalho corporal, traça um paralelo muito próximo à Educação Física como um todo. Quantos de nós já não ouvimos nossos avós e pais relacionarem suas aulas de Educação Física a ginástica? A ginástica, ao longo da história, já foi sinônimo de repreensão de corpos, formadora de exércitos, de exercícios chatos e cansativos, mecânicos e repetitivos, e hoje na Educação Física moderna é utilizada como forma de iniciação e conscientização corporal.

Sobre ginástica escolar cita GEBARA (1992), "... recomendava a ginástica por melhorar a aptidão e o porte físico dos alunos, o fortalecimento da saúde e por melhorar a disciplina e os estudos" (p.19). Ainda que sublinaramente, alguns autores discordem, nota-se, quando diz que a ginástica contribui para um progresso nos estudos, que existe uma preocupação com a "mente" dos alunos.

No CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ (2002, pág. 178), aconselha os exercícios ginásticos, mas recomenda para que se evite exercícios mecânicos e repetitivos, evitar o reprodutivismo, sem um maior entendimento de objetivos específicos.

Já os PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS (1998, pág. 36), recomendam que o aluno na escola aprofunde-se no conhecimento do próprio corpo de forma que desenvolva um autocontrole de suas atividades corporais, obtendo maior autonomia, e utilizar esse controle para uma melhora na aptidão física.

Como conteúdo pode ser utilizada tranquilamente a ginástica na escola, mas deve-se tomar o cuidado de torná-la uma atividade prazerosa, e que vise uma melhora na aptidão física e na saúde do aluno.

2.6.5 Lutas

As lutas por muito tempo nem eram cogitadas como possível conteúdo não só para a Educação Física, mas para qualquer disciplina dentro da escola. De origem milenar, criada e desenvolvida para os combates marciais, as lutas na Educação Física escolar eram vistas como possíveis desencadeadores de personalidades violentas. E apenas nas últimas publicações dos PCN's que estas obtiveram um reconhecimento educacional. Vista como sendo uma possibilidade de

conhecimento corporal, de conhecimento dos próprios limites, e disciplinadora, as lutas começam a ganhar seu espaço na escola.

Os PCN's (1998), definem lutas como "disputas em que os oponentes precisam ser subjugados, com técnicas e estratégias de desequilíbrio, confusão, imobilização ou exclusão de um determinado espaço na combinação de ações de ataque e defesa" (p. 35).

Claro que a utilização das lutas em si é um pouco complicado dentro dos meios escolares, mas a utilização de seus preceitos, técnicas, e o desenvolvimento das valências física utilizadas, é possível. Segundo os PCN's (1998, pág. 36), nos meios escolares podem ser conteúdo de lutas em um bimestre, atividades como: as brincadeiras de cabo de guerra e braço de ferro, até práticas mais complexas utilizando elementos da capoeira, judô e caratê.

2.7 O PLANEJAMENTO E A AVALIAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

O professor deve ter um planejamento de ações para conseguir seus objetivos. O planejamento deve conter os objetivos, conteúdos, descrição das ações pedagógicas, e possíveis falhas e êxitos em sua ordem de trabalho.

A proposição dos conteúdos deve ter uma ordem lógica para que possam ser trabalhados como foram propostos, que consiga promover o desenvolvimento dos alunos, e conseqüente efetivação do aprendizado do aluno de acordo com sua faixa etária (GSCHWENDTNER, 1999, pg.21).

O planejamento tem a função de colaborar com a sequência do programa para que as aulas de Educação Física "... não sejam aulas sem um objetivo, que não apresentem uma evolução no aprendizado dos alunos" (GSCHWENDTNER, 1999 pág 29).

Este plano de ações feito pelo professor deve estar condizente com as condições de aprendizado das diferentes idades, como citado anteriormente, mas também deve estar atrelado a um processo avaliativo para que este não fique alheio à concretização do aprendizado, para que o professor materialize essa evolução através de uma avaliação.

É interessante que o professor tenha conhecimento específico das possibilidades e limitações de seus alunos para que não se frustre em relação a um

planejamento não cumprido, ou a uma avaliação muito inferior a uma evolução estimada anteriormente. Sobre a importância do processo avaliativo e os conhecimentos dos professores a respeito deste, LUDKE & MEDIANO (1997) afirmam que "... a avaliação representa um dos pontos vitais para o alcance de uma prática pedagógica competente, e os professores, infelizmente, pouco conhecem a especificidade desse processo" (p. 13).

Para isto diversa são as divisões feitas pelos autores para o nível de aprendizado em cada faixa etária, e as possíveis limitações de cada uma delas.

De acordo com o COLETIVO DE AUTORES (1992) existem os ciclos de escolarização, e cada um deles apresenta possibilidades e limitações de desenvolvimento de um programa planejado. "Ao introduzir o modelo de ciclos, sem abandonar a referência às séries, busca se constituir pouco a pouco as condições para que o atual sistema de seriação seja totalmente superado" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pg. 35).

Segundo essa divisão dos ciclos, os alunos não estariam limitados aos conteúdos de acordo com sua seriação e sim de acordo com seu ciclo de aprendizado, que é muito mais abrangente.

O primeiro ciclo vai da 1ª a 3ª série é o ciclo de organização da identidade dos dados da realidade. Neste ciclo o aluno se encontra no momento da "experiência sensível" onde prevalecem as referências sensoriais na sua relação com o conhecimento; o aluno dá um salto qualitativo nesse ciclo quando começa a categorizar objetos, classificá-los e associá-los (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pág. 35).

O segundo ciclo vai da 4ª a 6ª série. Este é o ciclo da iniciação à sistematização do conhecimento. Nele o aluno vai adquirindo a consciência de sua atividade mental, suas possibilidades de abstração, confronta os dados da realidade com as representações do seu pensamento sobre eles (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pág 35).

O terceiro ciclo é o da ampliação da sistematização do conhecimento, e vai da 7ª a 8ª série. Neste o aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de que uma operação mental exige a reconstituição dessa mesma operação na sua imaginação

para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pág. 36).

O quarto ciclo é o do ensino médio. Nele existe o “aprofundamento da sistematização do conhecimento, onde o aluno adquire uma relação especial com o objeto, o que lhe permite refletir sobre ele” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, pág. 36).

Essa divisão de ciclos mostrada nessa revisão, baseada no COLETIVO DE AUTORES (1992) indica apenas uma forma que o professor pode pensar seu planejamento e sua forma de avaliação condizente com as respostas, em nível de aprendizado, que o aluno pode dar durante o processo educativo, em diferentes fases do desenvolvimento.

3 METODOLOGIA

3.1 SUJEITOS

Professores da rede pública de ensino (escolas estaduais e municipais), que atuem com turmas de 5ª a 8ª série, e que possuam 30 anos ou mais

3.2 INSTRUMENTO

O instrumento de coleta de dados originou-se da elaboração de um questionário, o qual questões importantes como a importância e objetivos da Educação Física na escola, prática pedagógica, conteúdo, condições estruturais de trabalho, planejamento escolar, participação dos alunos, metodologias utilizadas pelos docentes, embasamento teórico dos professores nas suas aulas, ou seja aspectos que englobassem como um todo a atuação do professor de Educação Física na escola. Esse questionário contém 12 questões objetivas, e foi validado por três professores da Universidade Federal do Paraná, do Departamento de Educação Física, os quais tomaram apto para pôr em prática.

3.3 PROCEDIMENTOS

A pesquisa de campo foi composta por entrevistas com os professores de 5ª a 8ª série da rede pública de ensino. Para esta entrevista foi utilizado um questionário validado por docentes do Departamento de Educação Física (DEF) da Universidade Federal do Paraná contendo doze indagações, sendo todas questões objetivas. Foram entrevistados 15 professores, sendo estes escolhidos aleatoriamente de acordo com os estabelecimentos que estes atuam. A escolha das escolas também foi feita aleatoriamente, tendo apenas a exigência de que estas possuíssem ensino de 5ª a 8ª série. Durante as entrevistas foi explicitado ao professor que seu nome seria mantido em sigilo, para que este pudesse estar colaborando com a pesquisa da forma mais verdadeira possível, já pensando na fidedignidade do estudo. Para uma melhor abrangência da pesquisa, esta foi feita em diferentes regiões da cidade, para que a amostra viesse a ser mais diversificada

possível. Para a realização da coleta dos dados o entrevistado recebeu o questionário, e o respondeu individualmente, sem interferência qualquer nas suas respostas; com a condição deste vir a ser invalidado caso isso ocorresse. Pensando em não haver qualquer tipo de interferência a entrevista aconteceu sempre em intervalos das aulas dos professores, e em um local tranqüilo onde o professor pudesse se concentrar no preenchimento do questionário. O único caso em que poderia haver uma interferência do avaliador era se houvesse alguma dúvida do professor em relação ao questionamento. Após o preenchimento o professor entregou o questionário para o avaliador, que o guardou em um envelope, imediatamente após a entrega, sem emitir qualquer opinião a respeito das respostas. Esse foi o procedimento utilizado na entrevista com todos os 15 professores da amostra.

3.4 ANÁLISE ESTATÍSTICA

Os dados obtidos através da pesquisa foram analisados em percentuais. Os valores foram arredondados para cima, se as casas decimais superassem 0,65 e para baixo se fossem inferiores a 0,35.

4. RESULTADOS/ DISCUSSÃO

Iremos realizar a análise dos dados utilizando um método que irá permitir conexões e interpretações entre as respostas obtidas na pesquisa e o referencial teórico apresentado no capítulo 2. Para isso utilizaremos separadamente cada indagação do questionário proposto, analisando a porcentagem de cada resposta obtida, dentre os 15 entrevistados.

Tendo como base os pressupostos de aproximar os dados obtidos com a realidade, seguimos algumas características da pesquisa apresentados por MENGA & ANDRÉ (1986,) que alertam que os dados coletados são puramente objetivos, e o significado que as pessoas dão a estes dados, como a mostra de sua realidade, devem ser de preocupação do pesquisador, fazendo a análise através de um processo dedutivo. Também sobre a discussão dos dados temos que levar em conta a idéia de CANDAU (1987) que alerta sobre a heterogeneidade da atividade humana, "... nela se realizam diferentes ações. Na análise de uma experiência pedagógica é preciso estar atentos a essa diversidade (...) é impossível ampliar nosso campo de observação, através das respostas dos pesquisados, e sermos conscientes das possíveis contradições entre o que é proclamado, e o executado no cotidiano educacional" (p. 01-02). Na discussão dos dados iremos primeiramente apresentar as tabelas com os percentuais obtidos em cada resposta do questionário proposto. Após isso vamos discutir os dados, como já foi dito, embasado na revisão bibliográfica apresentada no capítulo 2, e ainda apresentar os gráficos anexados para uma melhor visualização dos resultados obtidos.

TABELA 1 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA?

Melhorar o condicionamento físico	47%
Ensinar os esportes e suas regras	26%
Promover o desenvolvimento das habilidades motoras	13%
Estimular a expressividade do aluno	7%
Entretenimento, um momento de recreação	7%

GRÁFICO 1 – QUAL A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA?



A primeira resposta dos entrevistados retrata a importância atribuída por eles para com a aula de Educação Física na escola. Com os dados obtidos nesta primeira indagação (TABELA 1/GRÁFICO 1), contendo 47% das respostas relacionando importância da Educação Física na escola com a obtenção por parte dos alunos de hábitos saudáveis, pode estar relacionado a época em que os professores se formaram, ou até mesmo levados pela nova onda de manutenção da saúde, tão vinculado na mídia. Outro fator pode ter sido a publicação dos primeiros estudos que começam a considerar a escola, mais especificamente na aula de Educação Física, o momento ideal para educar o indivíduo a ter uma vida mais ativa e saudável. Dentro dessas publicações se destacam os trabalhos de Nahas (1995) e Guedes & Guedes (1996), citados no capítulo 2.

O segundo item mais citado dá importância ao aprendizado dos esportes (26% dos entrevistados), que historicamente são os conteúdos mais utilizados. O que preocupa é diagnosticar que professores formados vejam como principal importância da Educação Física apenas repassar aos seus alunos técnicas e regras pré-estabelecidas, sem tentar trabalhar numa educação mais profunda, ajudando na formação do indivíduo.

Também podemos constatar que 13% dos entrevistados vêem grande importância da Educação Física no ensino e aprendizado das habilidades motoras. Ainda foi citado a importância de trabalhar a expressividade do aluno durante a aula

(7%), e também um professor que citou ser a sua aula um momento de recreação, entretenimento. Vamos discutir um pouco isso. Será que é válido estudarmos quatro anos para depois nos tornarmos apenas palhaços? Com todo respeito acho que devemos pensar em nossos alunos, e no nosso papel enquanto educador, e não apenas vermos a nossa aula como uma baderna organizada. É nosso papel sim que possamos estar auxiliando os alunos com um momento fora da sala de aula, em que este estará se expressando, movimentando, mas na minha concepção não pode ser isso a mais importante função da Educação Física na escola.

TABELA 2 - QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS COM SUA AULA NA ESCOLA?

Mostrar aos alunos a importância da atividade física	39%
O ensino das técnicas e das regras dos esportes	27%
O desenvolvimento das habilidades motoras	20%
Um momento de lazer, de brincadeira para os alunos	7%
Fazer com que os alunos reflitam sobre o contexto histórico social	7%

GRÁFICO 2 – QUAIS SÃO SEUS OBJETIVOS COM SUA AULA NA ESCOLA?



Na segunda questão os professores foram indagados sobre os objetivos com sua atuação na escola (TABELA 2/GRÁFICO 2). A maior parte dos professores, totalizando 40% da amostra, têm seus objetivos calçados na conscientização da importância da atividade física; conscientizar através das aulas para que os alunos fora da escola, e quando adultos sejam ativos fisicamente e tenham uma vida mais saudável, e sejam sabedores da importância de se ter uma vida assim. Segundo GUEDES & GUEDES (1995) é de grande importância da Educação Física escolar a

abordagem e o desenvolvimento de aspectos como a composição corporal, a resistência, a força e a flexibilidade.

Outros professores mostraram a preocupação em objetivar o desenvolvimento motor, físico, e cognitivo, utilizando as suas aulas como facilitadoras na obtenção de habilidades motoras, que serão importantes para o desenvolvimento geral dos alunos. Estes professores totalizaram 20%. Segundo SCHMIDT (1993) "... a aprendizagem motora é um conjunto de processos associados com a prática ou a experiência, conduzindo a mudanças relativamente permanentes na capacidade para executar performance habilidosa" (p. 153). Esses professores buscam com o desenvolvimento do indivíduo, um aumento na capacidade de execução habilidosa, e sua aprendizagem, através de um processo de experiências e práticas que o docente deseja estimular durante suas aulas.

O objetivo de ensinar os esportes, suas técnicas e regras foi a resposta de quatro professores (27% da amostra). É interessante o trabalho com os esportes, mas como já foi citado não podemos apenas ter o objetivo de passar técnicas e regras, mas também devemos atuar como educadores, e buscar alguma modificação na vida de nossos alunos; atuarmos como modificadores da realidade de suas vidas.

Complementando os dados obtidos 6% objetivam oportunizar momentos de lazer, "brincadeiras para os alunos", sem se preocupar em manter uma atividade direcionada e com objetivos específicos. Sobre essa falta de direcionamento e objetivos específicos, CARMO (1985, pág. 42) cita a atual situação da Educação Física na escola: "Parece que a ação pedagógica do professor está se dando como um tipo de reprodução paradoxal da ordem pela desordem".

Temos que buscar em nossas aulas deixar algum legado para nossos alunos. Um exemplo claro é que mesmo não nos tornando matemáticos, ainda temos o conhecimento das quatro operações fundamentais, ou seja nossos professores de matemática contribuíram de alguma forma para o resto de nossas vidas. E a Educação Física o que tem contribuído para o futuro dos alunos durante o período escolar? É uma questão para se pensar.

TABELA 3 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO EM SUAS AULAS?
(1ª OPÇÃO)

Esportes	80%
Jogos	13%
Ginástica	7%

GRÁFICO 3 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO EM SUAS AULAS? (1ª OPÇÃO)

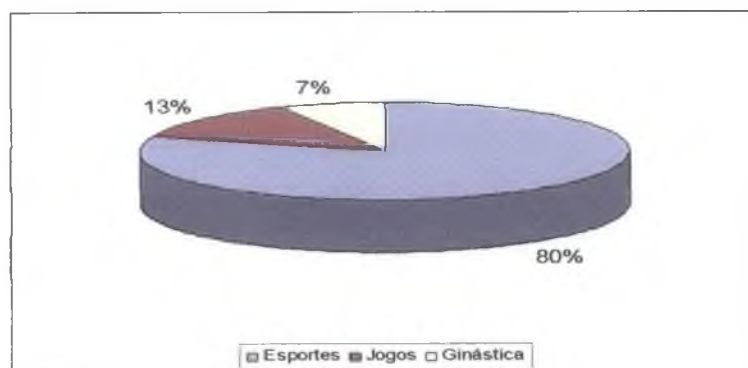
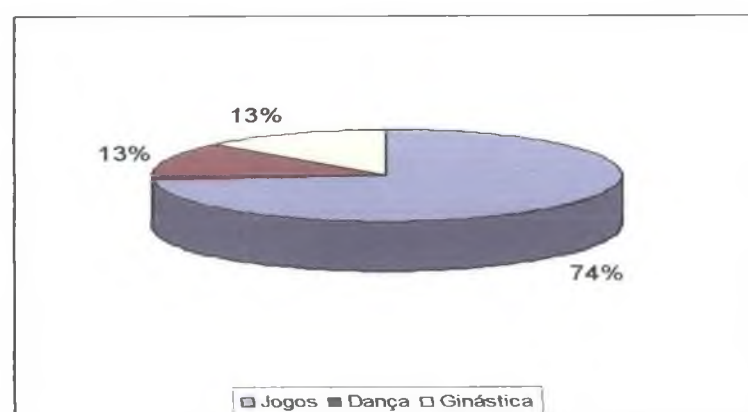


TABELA 4 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO EM SUAS AULAS?
(2ª OPÇÃO)

Jogos	74%
Dança	13%
Ginástica	13%

GRÁFICO 4 - O QUE VOCÊ MAIS ABORDA COMO CONTEÚDO EM SUAS AULAS? (2ª OPÇÃO)



A questão três quis saber quais eram os conteúdos mais trabalhados durante as aulas de Educação Física (TABELA 3 E 4/GRÁFICO 3 E 4). Os

professores assinalariam com o nº 1 o conteúdo que mais utiliza, e com o nº 2 sua segunda opção de conteúdo mais utilizado. Seguindo uma tendência histórica, a grande maioria dos entrevistados, ainda utiliza o esporte como o principal conteúdo nas aulas de Educação Física. MOREIRA (1992, pág. 203), exemplificando estas pesquisas, afirma que o “binômio mais utilizado na Educação Física escolar, a partir da década de 50, é Educação Física/Esportes, cresceu tanto que, em 1969, ela entra na planificação estratégica dos governos ditatoriais, provocando inclusive a subordinação da Educação Física escolar ao esporte”. Somando-se a isso os fenômenos culturais esportivos que influenciam e muito na escolha dos conteúdos pelos professores.

O segundo contexto mais abordado pelos professores são os jogos, e seguindo essa linha de pensamento HUIZINGA (1990), encontra uma característica muito importante ao jogo: “... o êxito obtido passa prontamente do indivíduo para o grupo” (p. 58). Mas ainda segundo o autor outro aspecto é ainda mais relevante: “... instinto de competição não é fundamentalmente um desejo de poder ou de dominação. O que é primordial é o desejo de ser melhor que os outros, de ser o primeiro a ser festejado por este fato” (HUIZINGA, 1990, P. 58-59). E não fugindo a esse aspecto o professor muitas vezes por ser um indivíduo competitivo, muitas vezes ex-atletas, vêm na possibilidade, primeiro do esporte, em promover a competição que é um item mais motivante, e também deturpa a real significação do jogo na escola, o transformando em “jogos pré-desportivos competitivos”. E essa possibilidade de tornar o jogo competitivo pode explicar a grande utilização dos jogos como sendo o segundo opção de conteúdo mais utilizado nas aulas, citado por 73% da amostra.

Ainda um professor (7%) citou a ginástica como conteúdo predominante em suas aulas. Finalizando a apresentação dos dados da terceira questão, é interessante notar a pequena utilização da dança (atividades rítmicas/expressivas). Este item foi citado como conteúdo por apenas 13% da amostra, e ainda como conteúdo secundário (segunda opção). Esse fato é um pouco complicado de ser explicado, pois envolve questões de gênero, preconceito, e falta de interesse histórico de alunos e professores a respeito do conteúdo. Não é objetivo deste estudo se aprofundar nas razões a que levam essa não utilização, mas diagnosticar este fato, e explicitar a total aplicabilidade do conteúdo relacionado com atividades

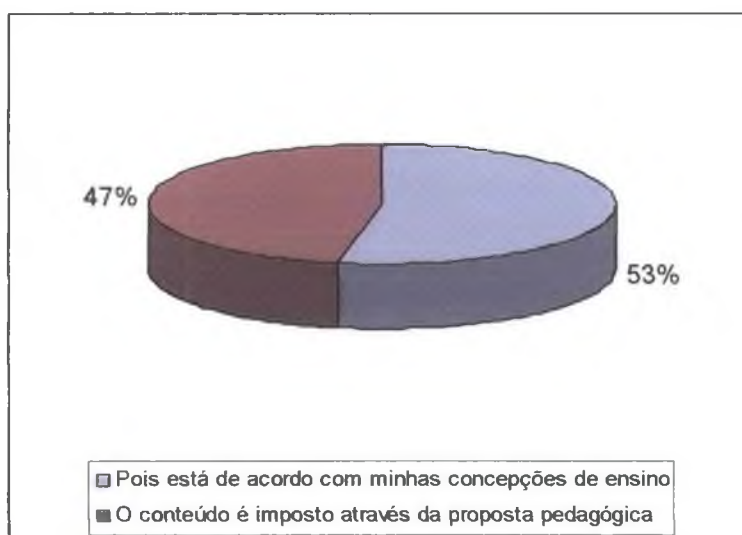
rítmicas/expressivas. Os benefícios da utilização do conteúdo rítmico/expressivo são citados nos PCN's: "... intenção explícitas de expressão e comunicação por meio de movimentos e gestos, na presença de ritmos, sons, e da música, auxiliam na construção da expressão corporal" (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, pág. 71).

Um fato que deve ser levado em conta no momento da escolha dos conteúdos, é que estes sejam condizentes com a faixa etária. Sobre isso o COLETIVO DE AUTORES (1992) colocam que "... o princípio curricular para a seleção dos conteúdos de ensino é a adequação as possibilidades sócio-cognitivas do aluno. Há de se ter no momento da seleção competência para adequar o conteúdo à capacidade cognitiva e a prática social do aluno, ao seu próprio conhecimento, e as suas possibilidades enquanto sujeito histórico" (p. 31).

TABELA 5 – POR QUE VOCÊ JULGA TÃO IMPORTANTE ABORDAR TAIS CONTEÚDOS?

Pois está de acordo com as minhas concepções de ensino	53%
O conteúdo é imposto através da proposta pedagógica	47%

GRÁFICO 5 - POR QUE VOCÊ JULGA TÃO IMPORTANTE ABORDAR TAIS CONTEÚDOS?



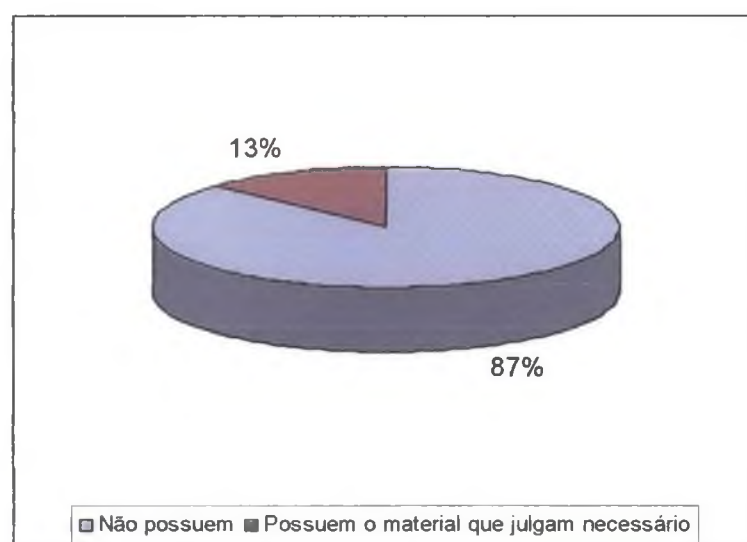
O quarto questionamento desta pesquisa preocupou-se em saber por que os professores julgam importante abordar os conteúdos que eles citaram na questão

anterior. Os resultados (TABELA 5/GRÁFICO 5) mostraram que 53% dos professores utilizavam estes conteúdos autonomicamente, não acompanham a proposta pedagógica da escola. Por um lado esse fato pode ser considerado positivo, pois o professor pode estar trabalhando dentro de suas concepções de ensino, de acordo com que acredita seja melhor para o aprendizado dos alunos. Mas por outro lado, as aulas podem estar sendo ministradas sem a preocupação de uma continuidade, sem um plano de ação, que direcionaria a atuação do professor. Já 47% dos entrevistados direcionam a utilização de seus conteúdos acompanhados da proposta pedagógica da escola, que teoricamente garante uma seqüência de conteúdos pré-estabelecidos, visando o desenvolvimento e o aprendizado dos alunos.

TABELA 6 – VOCÊ POSSUI TODOS OS RECURSOS MATERIAIS QUE JULGA NECESSÁRIO PARA DESENVOLVER TAIS CONTEÚDOS?

Não possuem	87%
Possuem o material que julgam necessário	13%

GRÁFICO 6 - VOCÊ POSSUI TODOS OS RECURSOS MATERIAIS QUE JULGA NECESSÁRIO PARA DESENVOLVER TAIS CONTEÚDOS?



A constatação obtida na quinta questão só vem nos confirmar a lastimável situação que se encontra, não só a Educação Física, mas a Educação pública como um todo em nosso país. O pior ainda é obter nesta pesquisa dados tão expressivos (TABELA 6/GRÁFICO 6), quase que 100% de professores (87% da amostra)

descontentes com a seu local de trabalho e sua situação profissional. Isto nos remete a pensar que, como qualquer trabalhador insatisfeito, não se pode esperar muito de uma aula de Educação Física com professores desmotivados com sua situação cotidiana, salários baixos e sem uma estrutura física ideal para o desenvolvimento de um bom trabalho.

Apenas dois professores da amostra, 13% dos entrevistados, se dizem satisfeitos com sua condição de trabalho. Uma pesquisa mais aprofundada, na análise específica das condições de trabalho dos professores de Educação Física de Curitiba, poderia nos mostrar se esses professores realmente estão satisfeitos com seu local de trabalho, ou então conformados e passivos à situação precária da educação brasileira. Essa situação lastimável da educação brasileira é retratada na REVISTA VEJA (1998), na matéria *Modelo de Educação*, assinada por Cláudio de Moura e Castro, que compara o sistema americano de educação, reconhecido mundialmente, com o sistema brasileiro. Nessa reportagem o autor chega a usar a expressão *engatinhando* para o ensino brasileiro em relação ao americano. E mais cita a pequena parte do orçamento destinado a Educação no Brasil, em contraste aos 38% destinados nos Estados Unidos. Com certeza se nossos governantes não acordarem a tempo, podemos cada vez mais sucatear nosso sistema de educação.

TABELA 7 – SE VOCÊ NÃO POSSUI A QUE RECORRE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES?

Não recorro a nada pois a falta de material não é culpa minha	54%
Recorrem a criatividade	20%
Possuem o material que julgam suficiente	13%
Recorrem a materiais alternativos	13%

GRÁFICO 7 - SE VOCÊ NÃO POSSUI A QUE RECORRE PARA O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES?

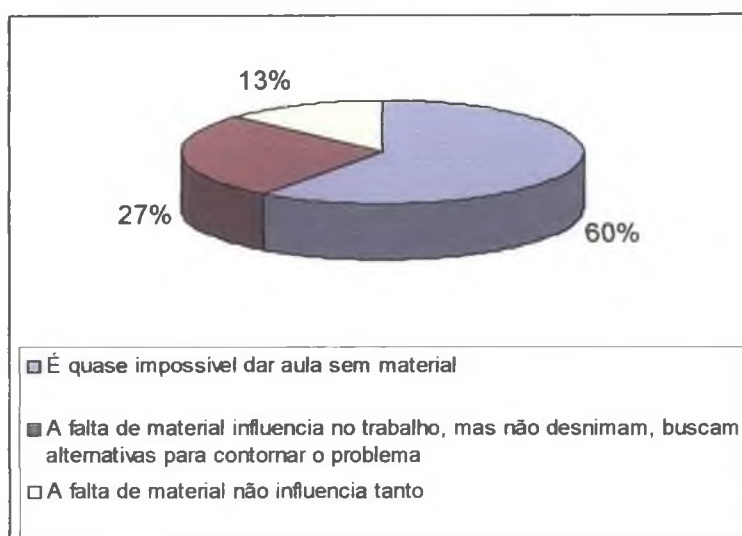


Interligando o fato dos professores não possuírem as condições de trabalho ideais, a questão nº 6 aborda os possíveis recursos que os professores utilizam para minimizar os problemas em relação à falta de recursos materiais (TABELA 7/GRÁFICO 7). Dos entrevistados 13% possuíam o material que julgavam o suficiente, para realização das aulas; possivelmente os mesmos que na questão anterior citaram estar satisfeitos com as condições de trabalho. A maioria dos professores não possuía os recursos necessários, e 53% deles mostraram um desinteresse total com a busca de possíveis alternativas para mudança do atual quadro, respondendo que a culpa da atual situação não era de sua responsabilidade. As evidências nos levam ao atrevimento de supor que estes professores não se preocupam com a qualidade de suas aulas, pois eximem-se de qualquer responsabilidade de uma atuação pedagógica decente, em detrimento da falta de material. Já 20% dos docentes afirmaram buscar em sua criatividade a saída para contornar os problemas relacionados à falta de estrutura física, e ainda 13% vêem possibilidade na utilização de materiais alternativos para suprir a falta dos materiais convencionais (bolas oficiais, arcos, cordas...). Esses professores que recorrem a materiais alternativos nos remetem a pensar, que de acordo com as respostas fornecidas, são um bom exemplo de profissionais comprometidos com o seu trabalho, com seus alunos.

TABELA 8 – PARA VOCÊ A FALTA DE MATERIAL INFLUENCIA NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS?

É quase impossível dar aula sem material	60%
A falta de material influencia no trabalho, mas não desanimam, buscam alternativas para contornar o problema	27%
A falta de material não influencia tanto	13%

GRÁFICO 8 - PARA VOCÊ A FALTA DE MATERIAL INFLUENCIA NA PARTICIPAÇÃO ATIVA DOS ALUNOS?



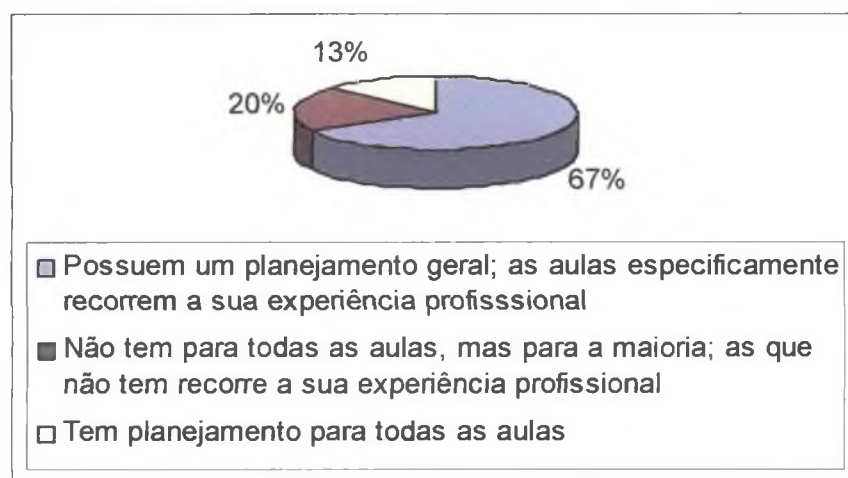
Na questão nº 7 do instrumento avaliativo, o foco era a influência que a falta de material tinha na participação ativa dos alunos. Mais uma vez ficou evidenciado pelos dados obtidos (TABELA 8/GRÁFICO 8) que realmente os problemas estruturais da educação vem afetando a qualidade das aulas, no nosso caso, as aulas de Educação Física. A maioria do grupo entrevistado (60%) respondeu ser quase impossível dar aula sem material. Se os professores vêem impossibilidades da participação efetiva e total dos alunos devido à falta de material, fico comprovado aqui o que esboçamos na questão anterior: prejuízo na qualidade das aulas. Poderíamos aqui criticar tais professores, mas muitas vezes estes tem que ministrar uma aula com apenas uma bola, ou um arco, uma corda, ou muitas vezes sem qualquer material, para turmas que em média possuem 40 alunos. Os elementos materiais são elementos motivadores na aula de Educação Física, como a utilização de bolas, arcos, cordas, materiais alternativos, e que a falta deles realmente prejudica a participação de todos, o que foi diagnosticado com essa pesquisa.

Ainda 27% reconhecem os problemas de participação dos alunos devido à falta de material, mas dizem não se deixam abater com as dificuldades. Esses professores podem estar utilizando estratégias alternativas para contornar este problema, ou então não se preocupam que toda a turma possa estar participando, prejudicando o aprendizado daqueles alunos que ficam sem participar. Completando os dados 13% dizem não haver tanto influência na falta de participação ativa dos alunos com problemas de carência de material.

TABELA 9 – VOCÊ POSSUI UM PLANEJAMENTO PARA TODAS AS SUAS AULAS?

Possui um planejamento geral; para as aulas especificamente recorrem a suas experiências anteriores	67%
Não tem para todas as aulas, mas para a maioria; as que não tem recorrem a sua experiência profissional	20%
Tem planejamento para todas as aulas	13%

GRÁFICO 9 - VOCÊ POSSUI UM PLANEJAMENTO PARA TODAS AS SUAS AULAS?



O questionário abordou aspectos referentes ao planejamento escolar na questão nº 8 (TABELA 9/GRÁFICO 9). Sobre isso o foco principal era saber se os professores possuíam planejamento para todas as aulas, especificamente o plano de aula. De todos os professores da amostra 67% responderam possuir um planejamento geral, abordando os conteúdos, o número de aulas bimestrais, mas não possuíam planos de aula especificamente. Ou seja, as aulas em si os

professores recorriam, de acordo com as respostas obtidas, a experiências anteriores como professor, ex-atleta, ou até mesmo dos tempos das aulas de Educação Física em que era aluno. Essa realidade pode ser preocupante pelo fato dos professores “pararem no tempo”, não se reciclarem, pois podem assim, apenas reproduzir sempre as mesmas aulas, entrando assim em círculo vicioso, em que o mais prejudicado será ele mesmo. Segundo ENRICONE ET ALL (1986):

“O planejamento na sua acepção mais ampla, sempre abrange uma concepção específica para utilização direta em aula. (...) não constitui a fórmula mágica para a solução dos problemas da aula. Exige uma busca cada vez maior de estudos científicos (...) Nunca devemos pensar e conceber planejamentos prontos, imutáveis, e definitivos. Devemos antes acreditar que ele representa uma primeira aproximação da medidas adequadas a uma determinada realidade, tornando-se através de sucessivos replanejamentos cada vez mais apropriado para enfrentar a problemática desta realidade. Estas medidas favorecem a passagem gradativa de uma situação existente para uma situação desejada” (p. 13)

Outros professores (20%) citaram ter alguns planos de aula programados, mas reconheceram não possuir estes para todas as aulas. Apenas 13% da amostra disseram possuir planos de aula para todas as suas intervenções.

TABELA 10 – ESSE PLANEJAMENTO É FEITO:

O planejamento é feito autonomicamente	53%
O planejamento está acompanhado da proposta pedagógica	47%

GRÁFICO 10 - ESSE PLANEJAMENTO É FEITO:

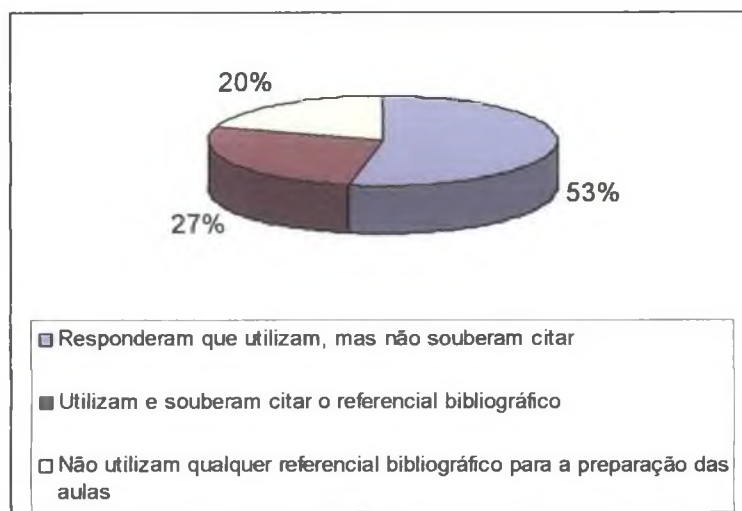


Ainda, relacionado ao planejamento das aulas, a questão nº 9 (TABELA 10/GRÁFICO 10) indagou como esse é feito. A maioria da amostra, 53%, desenvolvia seu planejamento autonomicamente. Mais uma vez, como foi diagnosticado na questão nº 4, a maioria dos professores atua apenas de acordo com suas concepções, da forma que julga a mais correta, mas não se embasam em uma proposta pedagógica pré-estabelecida pela escola ou plano de ações. Já 47% dos entrevistados utilizam a proposta pedagógica como subsídio para elaborar o planejamento das aulas. “Uma escola que tem claro quais suas funções e possui uma orientação teórica acerca do processo ensino aprendizagem terá uma proposta pedagógica para orientar sua ação e otimizar o trabalho do professor” (MENGA & MEDIANO, 1997, p.36). Mesmo não sendo o mais correto a confecção do planejamento sem estar acompanhado da proposta pedagógica, isto ainda é válido. O que mais preocupa é a falta de planejamento, e devemos nos conscientizar que como todos os profissionais, nas mais diversas áreas, devemos ter nossa atuação planejada. Se considerarmos o planejamento como peça chave/elemento fundamental da prática pedagógica, podemos indagar: por que não se faz o planejamento? O planejamento não é obrigatório? A escola cobra o planejamento? O professor não atribui importância a ele? Como é possível organizar o trabalho docente se não há planejamento? Como se organiza esse trabalho? Ele é sistematizado? Há seqüência? O que se ensina? Quais os objetivos a atingir com esta prática pedagógica? E tantas outras questões possíveis para o desenvolvimento de um diagnóstico mais aprofundado a respeito do planejamento escolar.

TABELA 11 – PARA PREPARAÇÃO DAS AULAS VOCÊ UTILIZA ALGUM REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO?

Responderam que utilizam mas não souberam citar	53%
Utilizam e souberam citar o referencial bibliográfico	27%
Não utilizam qualquer referencial bibliográfico para a preparação das aulas	20%

GRÁFICO 11 - PARA PREPARAÇÃO DAS AULAS VOCÊ UTILIZA ALGUM REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO?



A pergunta de nº 10 questionou os professores sobre a utilização de referenciais bibliográficos na elaboração das aulas (TABELA 11/GRÁFICO 11). Os resultados mostram que 53% dos professores disseram utilizar, mas não soube citar qual. Ora ou essa resposta pode estar de acordo com BORGES (1998) que diz que "... o discurso do professor pode revelar e, ao mesmo tempo, ocultar aspectos da realidade, pode estar abaixo das experiências inovadoras que ele diz constituir no seu trabalho ou expressar muito mais o que ele gostaria que fosse sua prática pedagógica" (p. 65-66). Ou então os docentes mostrarem uma total superficialidade no que diz respeito aos aspectos técnicos de sua aula, como metodologia utilizada, principais autores que a abordam, conteúdos propostos e outros. Em uma aula, em que segundo o professor é norteadas por referenciais teóricos que embasam tecnicamente sua atuação, é esperado pelo menos que este professor saiba quais são os principais autores estudados, sua metodologia, mas basicamente que saiba o título da(s) bibliografia(s) utilizada(s).

Se somarmos a esse número aqueles professores que responderam não utilizar nenhum referencial bibliográfico para utilização nas aulas (23%), teremos quase um terço da amostra que ou têm sua atuação embasada em algo que ele não sabe o nome, ou outros que atuam da forma em que lhe vier à cabeça. Pode ser engraçado, mas é preocupante. Em um momento em que a Educação Física busca sua afirmação como uma área da ciência da motricidade humana, com a abertura de

mestrados no país, chegar a uma conclusão dessas é no mínimo assustador. E mais nos leva a pensar se realmente nós, professores de Educação Física, estamos realmente adicionando algo ao processo educativo dos alunos. Fica a pergunta. O que nos deixa um pouco mais satisfeitos é saber que pelo menos um entre quatro professores da amostra (27%), dizem utilizar referenciais bibliográficos, e demonstram conhecimento ao citar quais as bibliografias utilizadas. Muito pouco.

TABELA 12 – QUAL A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA VOCÊ ACREDITA E UTILIZA EM SUAS AULAS?

Tecnicista	73%
Histórico-Crítica	20%
Desenvolvimentista	7%

GRÁFICO 12 - QUAL A CONCEPÇÃO METODOLÓGICA VOCÊ ACREDITA E UTILIZA EM SUAS AULAS?



Quanto às concepções metodológicas utilizadas pelo professor durante a aula, a questão nº 11 (TABELA 12/GRÁFICO 12) constatou que 73% deles utiliza a metodologia tecnicista. O tecnicismo teve forte divulgação na década de 70 e meados da década de 80, como foi citado na revisão de literatura. Com os dados obtidos vemos que até hoje a é forte a adesão ao tecnicismo como estratégia metodológica. Podemos ver essa grande dissipação do tecnicismo nessa época com os trabalhos de LIBÂNEO (1992, pág. 32), onde mostra a atitude do governo ditatorial de introduzir fortemente o tecnicismo, com o objetivo de adequar o sistema

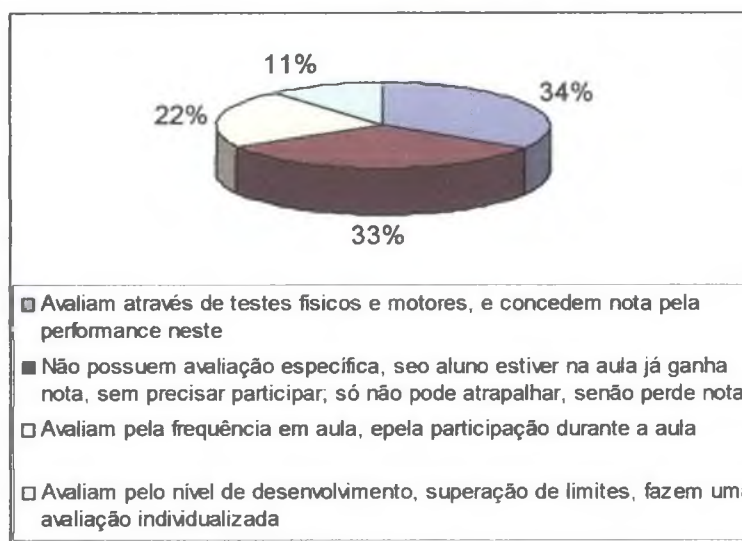
educacional à orientação política do regime militar, de disciplina (dos corpos, no caso das aulas de Educação Física), opressão da expressividade do aluno. Ainda uma possível explicação dessa difusão até os tempos de hoje é o fato das aulas tecnicistas possuem um poder disciplinador muito grande, que possibilita ao professor uma "... ordem dos anseios dos alunos, os reprimindo, fazendo com que desta forma consiga sucesso em suas ações, mesmo que com isso não cativem os alunos com sua aula" (LIBÂNEO, 1992, pág.33). Dentro desta concepção os professores utilizam essa metodologia por ser uma grande garantia de sucesso nas aulas, em relação aos aspectos disciplinares, pois segundo LIBÂNEO (1992, pág. 33) remete os alunos a mero espectadores do aprendizado, onde o professor é o principal responsável pelo aprendizado, não considera a relação professor-aluno como uma troca de conhecimentos.

Outras metodologias foram citadas como a metodologia desenvolvimentista (7%), a metodologia histórica-crítica (20%). Um desafio a partir desses dados é a realização de uma nova pesquisa, que poderá mais precisamente julgar a metodologia utilizada pelos professores da rede pública da cidade de Curitiba, de acordo com a análise dos conteúdos utilizados, e a atuação do docente durante a aula.

TABELA 13 – COMO DIRECIONA SUA AVALIAÇÃO? COMO PROCEDE?

Avaliam através de testes físicos e motores, e concedem nota pela performance nesta testagem	34%
Não possuem avaliação específica, se o aluno estiver na aula já ganha nota, sem precisar participar; mas não pode atrapalhar, senão perde nota	33%
Avaliam pela frequência em aula, e pela participação durante a aula	22%
Avaliam pelo nível de desenvolvimento, superação dos limites, fazem uma avaliação individualizada	11%

GRÁFICO 13 - COMO DIRECIONA SUA AVALIAÇÃO? COMO PROCEDE?



A última questão (TABELA 13/GRÁFICO 13) englobou aspectos avaliativos utilizados pelos professores. Nesta questão houve um equilíbrio nos dados obtidos e diversidade das respostas.

Aqueles que não possuíam avaliações específicas, e atribuem nota apenas pela presença do aluno sem a necessidade da participação, totalizaram 20% da amostra. Esse tipo de avaliação nos leva a questionar se realmente algo está sendo avaliado, pois segundo estes professores, através de suas respostas, só perderiam nota aqueles que atrapalhassem a aula. Este fato nos leva a pensar que o único aspecto avaliado é a disciplina.

Outros 20% dos professores responderam que avaliam seus alunos através de testes físicos e motores, e concediam nota de acordo com a performance nestes. É uma forma de avaliação válida, mas com muitos pontos a serem considerados. Por ser o teste físico o responsável direto pela atribuição de conceito para o aluno, este passa a considerar apenas o rendimento físico. Isto ocasionará diferentes níveis de desempenho. Isto pode ser explicado através dos estudos em Aprendizagem Motora que remetem a diferenças na maturação biológica, e nível de experiência motora. Ainda, esse tipo de avaliação pode provocar desconforto e desmotivação, por parte daqueles que tiverem os menores rendimentos. Na minha opinião não devemos especificar a avaliação na questão física/motora, sobre isso Medina (1990) denota a Educação Física, e por conseguinte a sua avaliação, para

além do desenvolvimento motor dos alunos, onde diz: "... a Educação Física, como ciência da motricidade humana, traz consigo uma real significação de existência . Há uma extrema coerência entre o que somos, pensamos, e aquilo que pensamos através de pequenos gestos, atitudes e posturas, que diferem heterogeneamente" (p.60). Ou seja, as respostas aos mais diferentes estímulos, sejam eles em qualquer disciplina escolar, diferem entre as pessoas. Temos que tentar fazer uma avaliação mais justa possível, e que considere o aluno como um todo, não apenas no aspecto físico/motor. Para isso devemos ser coerentes na escolha dos conteúdos, e estratégias de ensino, para que possamos obter melhor rendimento dos alunos, de acordo com suas possibilidades.

Completando os dados obtidos 13% avaliaram de acordo com a participação efetiva do aluno em aula, e apenas 7% dos entrevistados avaliavam de acordo com o nível de desenvolvimento, superação de limites, individualizando ao máximo a avaliação. Esse tipo de avaliação me parece ser a mais coerente, pois leva em consideração a diferença entre os alunos, premia o esforço daqueles que tem mais dificuldades para a execução das atividades propostas, além de ser consciente dos diferentes níveis motores presentes entre os alunos.

5. CONCLUSÕES

Concluído o trabalho podemos esboçar algumas considerações a respeito do atual momento da Educação Física escolar. Nossa área atravessa uma crise histórica, onde é constantemente cobrada pela sociedade, na busca de uma identidade, que até agora não conseguimos conceber. Mas pelo menos estamos em um momento em que a Educação Física responde a essas críticas, à medida que começamos a busca pela cientificidade para nossa área, fato este comprovado pela criação de cursos de mestrado no país e desenvolvimento de programas de pós-graduação.

Mais especificamente dentro da amostra desta pesquisa podemos perceber que existem alguns professores comprometidos com esse atual momento, e com sua prática pedagógica, e que através dos dados obtidos se esforçam para realizar um bom trabalho. Mas também não podemos deixar de lado o grande número de profissionais que estão alheios a essa evolução, e que tem suas crenças educacionais sucateadas (senão imutáveis).

Na pesquisa concluímos que existe muito a melhorar na Educação Física escolar. Em todos os pontos desta pesquisa (infelizmente), a maioria dos dados obtidos, nos leva a uma preocupação muito grande a respeito do futuro de nossa área. Constatamos que existem professores (a maioria) que ainda trabalham com metodologias de ensino ultrapassadas, e que atuam de acordo com suas experiências anteriores (e que podemos vir concluir) negando-se a uma reciclagem nos conteúdos e abordagens metodológicas, como foi confirmado com a citação maciça dos esportes como sendo o principal proposta utilizada. Não que os esportes não sejam possíveis de serem utilizados como conteúdo na escola, mas a maioria dos profissionais se restringe a sua única utilização. Essa unanimidade nos remete ao tempo da ditadura militar, em que o esporte foi profundamente difundido dentro dos meios escolares, com intenções de confirmação política. Ou seja, a pesquisa não nos mostrou nenhuma grande evolução nos conteúdos utilizados na Educação Física escolar.

Outro item importantíssimo, e ao mesmo tempo lamentável, foi concluir que, a maioria dos professores não atua de acordo com pressupostos científicos

(embasamento teórico), ou dizem utilizar, mas aparentando total superficialidade de conhecimento, de modo que nem saber citar essas referências foram capazes.

Quanto ao planejamento de ações chegamos à conclusão de que a maioria dos professores o faz sem uma preocupação de continuidade, e evolução no decorrer do período letivo, à medida que, a maioria dos docentes não acompanha uma proposta pedagógica, o que é fundamental para o sucesso de um planejamento anual.

Esta pesquisa também diagnosticou uma realidade que já é de conhecimento comum, que a situação da Educação brasileira é precária, onde quase 100% dos professores entrevistados, disse estar descontente com sua condição de trabalho. E ainda nessa linha deduzimos com os dados (e fazer isso pode não ser o mais correto cientificamente, mas é fácil de se diagnosticar), que o principal prejudicado é o mais interessado e importante do processo, o aluno.

Um item positivo que foi constatado foi a preocupação com a saúde e conscientização corporal dentro das aulas de Educação Física, segundo a importância atribuída pelos professores para esta na escola. Principalmente por ser uma abordagem mais recente, mais moderna da Educação Física escolar.

O diagnóstico feito nesta pesquisa só foi um esboço de possíveis estudos mais aprofundados dentro da linha da atuação do professor de Educação Física na escola. Estudos mais aprofundados a respeito da área são necessários. O que nos deixa preocupado, mas mesmo tempo motivado, é constatar com uma pesquisa um tanto quanto reduzida (considerando o tamanho do universo da cidade de Curitiba), que a Educação Física ainda não possui condições de se estabelecer como fundamental dentro da escola, como as outras disciplinas. Mas também concluímos com o estudo que temos vocação sim para nos tornarmos uma ciência na concepção da palavra e na prática, e não apenas no discurso, basta apenas que cada faça sua parte com responsabilidade e comprometimento profissional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, F. **Da Educação Física: o que ela é, o que ela tem sido, e o que deveria ser.** 3ª ed., São Paulo: Melhoramentos, 1960.

BARBANTI, E. J. **A criança e o brinquedo: uma relação importante.** Revista Paulista de Educação Física, nº 3 p. 31-35. Junho de 1989.

BENTO, J. O. **Planejamento e avaliação em Educação Física.** 2ª ed., Lisboa: Horizonte, 1998.

BETTI, M. **Educação Física e sociedade.** São Paulo: Movimento, 1991.

BORGES, C. M. F. **O professor de Educação Física e a construção do saber.** Campinas: Papyrus, 1998.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física.** In: Carmem Lúcia Soares (org.). Caderno Cedes 48. Corpo e Educação: 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social.** Porto Alegre: Editora Magister, 1997.

BRUNHS, H. T. **Introdução aos estudos de lazer.** Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

CANDAU, V. M. **Alguns aspectos referentes à metodologia de pesquisa de Agnes Heller – estrutura da vida cotidiana.** Rio de Janeiro: PUC, 1987.

CARMO, A. A. **Educação Física: competência técnica e consciência política.** Uberlândia: Editora da UFU, 1985.

CARVALHO, L. K. **A prática pedagógica de uma professora da rede municipal de ensino e seu planejamento.** Monografia de conclusão de curso em Licenciatura em Educação Física, UFPR. Curitiba, 2001.

CASTELLANI FILHO, L. **Pelos meandros da Educação Física.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Volume 14, 1993.

Coletivo de Autores. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Editora Cortez, 1992.

CURRÍCULO BÁSICO DO ESTADO DO PARANÁ. Educação Física. Curitiba, 2002.

DARIDO, S.C.. **Educação Física na Escola – questões e reflexões.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.

ENRICONE, D. ET ALL. **Planejamento de ensino e avaliação**. Porto Alegre: Editora Sagra, 1986.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**. Teoria e Prática da Educação Física. Campinas: Scipione, 1989.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 21ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996

GEBARA, A. ET ALL. **Educação Física e esportes no Brasil: Perspectivas para o século XXI**. In Moreira, Wagner Ney. Organizador. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Editora Papirus, 1992.

GSCHWENDTNER, M. D. **A preferência dos alunos de 8ª série, frente a três metodologias de aulas de Educação Física escolar**. Monografia de conclusão de curso de especialização em Educação Física escolar na UFPR. Curitiba, 1999.

GUEDES, D. P. & GUEDES, J. E. P. **Exercício na promoção de saúde**. Londrina: Editora Midiograf, 1995.

HUIZINGA, L. **Homo Ludem**. 2ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1990

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública – A pedagogia crítica social dos conteúdos**. 10ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

LINCZUK, E. L. **Formação em Educação Física: concepções e áreas de intervenção expressas nos cursos de graduação de Curitiba**. Dissertação de mestrado, no programa de pós graduação em Educação, da Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2003.

MATTOS, M. G. **Educação Física infantil: construindo o movimento na escola**. Guarulhos: Phorte Editora, 2000

MENGA, L. & MEDIANO, Z. **A avaliação na escola de 1º grau: uma análise sociológica**. 4ª ed. Campinas: Papirus, 1997.

MENGA, L. & ANDRE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, W. W. **Educação Física escolar – uma abordagem fenomenológica**. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

NUNES, G. F. **Educação Física e saúde: uma abordagem escolar**. Monografia de conclusão de curso em Licenciatura em Educação Física, UFPR. Curitiba, 1996.

OLIVEIRA, J. G. M. **Educação Física e o ensino de 1º grau uma abordagem crítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Educação Física: Educação Física/ Secretaria de Educação Fundamental - Brasília, 1998.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação.** 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

Revista *Veja*. **Modelo de educação.** 19 de agosto, pág 110-115. São Paulo: Editora Abril, 1998.

SAVIANI, N. **Saber escolar, currículo e didática no processo pedagógico.** 1ª ed. Campinas: 1991.

SOARES, C., TAFFAREL, C. e ESCOBAR, M. **A Educação Física escolar na perspectiva do século XXI.** Educação Física e esportes. Campinas: Editora Papyrus, 1992.

SCHMIDT, R. A. **Aprendizagem e performance motora: dos princípios à prática.** São Paulo: Editora Movimento, 1993.

TANI, G. ET ALL . **Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: Editora da USP (EDUSP/EPU), 1988.

TROJAN, E. A. **A Educação Física no currículo básico da rede municipal de ensino de Curitiba:** um caminho de compreensão. Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física da UFPR, 1998

TUBINO, M. J. G. **Uma visão paradigmática das perspectivas do esporte para o início do século XXI.** In Moreira Wagner Ney. organizador. Educação Física e esportes: perspectivas para o século XXI. Campinas: Editora Papyrus, 1992.

ANEXO – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA

QUESTIONÁRIO DA PESQUISA DE CAMPO

1) Qual a importância da EF na escola?

a) melhorar o condicionamento físico

b) possuir na escola um momento de entretenimento em que os alunos possam se divertir

c) formar o ser humano, não só através das disciplinas em sala de aula como também pelo movimento.

d) tem a função de ensinar as técnicas dos esportes e suas regras

e) é mais um momento, este durante o período escolar, em que o aluno vai aprender e desenvolver habilidades motoras.

f) melhorar a expressividade do aluno em suas ações

g) outro _____

2) Quais são seus objetivos com sua aula na escola?

a) melhorar a auto estima e estimular a expressão corporal

b) objetivo que os alunos tenham um tempo em que possam brincar, se divertir sem uma maior preocupação.

c) o maior objetivo é possibilitar o desenvolvimento das habilidades motoras

d) que os alunos aprendam a importância da atividade física

e) objetivo que meus alunos aprendam as técnicas e regras dos esportes

f) fazer com que através das aulas os alunos reflitam sobre o contexto histórico social

3) O que você mais aborda como conteúdo de suas aulas? Nesta questão deveria ser assinalado o número 1 e 2, de acordo com o mais abordado 1, e o segundo mais abordado com o 2)

- a) Jogo
- b) Dança/expressão corporal
- c) Lutas
- d) Esportes
- e) Ginástica
- f) Outros _____

4) Por que você julga tão importante abordar tais conteúdos nas suas aulas?

- a) pois está de acordo com minha concepção de ensino, que julgo importante ser trabalhado
- b) o conteúdo é imposto a mim através da proposta pedagógica

5) Você possui todos os materiais/recursos que julga necessário para desenvolver tais conteúdos?

- a) sim
- b) não

6) Se você não possui a que recorre para o desenvolvimento da atividade?

- a) criatividade
- b) construção de materiais alternativos
- c) não recorro a nada, a aula fica prejudicada e a culpa não é minha

d) tenho material que julgo suficiente

e) outro _____

7) Para você a falta de material influencia na participação ativa dos alunos?

a) sim, mas não desanimo, sempre tento várias alternativas (criatividade, maximização dos materiais disponíveis, construção de materiais, e etc)

b) sim, é quase impossível dar aula sem material, é desanimador, por isso muitas vezes é mais fácil jogar a bola, e às vezes recorro a essa estratégia

c) não, a falta de material não influencia

8) Você possui um planejamento para todas as aulas?

a) sim, para todas elas

b) não digo para todas, mas a maioria; as que não tenho planejamento recorro a minha experiência

c) só tenho o planejamento geral, de todo o mês ou bimestre, as aulas especificamente ministro de acordo com minhas experiências

9) Esse planejamento é feito:

a) autonomicamente

b) acompanhado da proposta da escola

c) não faço planejamento

10) Para preparação das aulas você utiliza algum referencial bibliográfico?

Qual (s)?

- a) sim, posso até citar e falar sobre a metodologia e concepções do autor
- b) sim, mas não posso citar no momento pois não recordo
- c) não utilizo

11) Qual a concepção metodologica que você acredita, e utiliza em suas aulas?

- a) Tecnicista
- b) Crítico-superadora
- c) Histórico-crítica
- d) Desenvolvimentista
- e) Construtivista
- f) Sistêmica
- g) Outra _____

12) Como você direciona sua avaliação? Como procede?

- a) eu avalio pelo rendimento técnico através de testes físicos e motores
- b) eu avalio através do nível do desenvolvimento, da superação do aluno de acordo com suas possibilidades, da participação em aula.
- c) eu avalio de acordo com a presença em aula eu não faço uma avaliação específica, os que estão na aula já tem nota garantida e aqueles que não vão a aula e só atrapalham perdem nota.